

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



SOMNIUM

Nº 115 - Fevereiro de 2021

CARLOS KLIMICK
FLÁVIO MEDEIROS
GILSON CUNHA
JOÃO GOMES MOREIRA
RAFAEL F. FAIANI
ROBERTO DE SOUSA CAUSO



CONHEÇA A NOVA DIRETORIA DO CLFC



Somnium – Edição 115, fevereiro de 2021

Editor responsável: Ricardo Herdy

Layout da Capa e Diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores: Carlos Klimick
Flávio Medeiros
Gilson Cunha
João Gomes Moreira
Rafael F. Faiani
Roberto de Sousa Causo

CLFC - gestão 2019-2021

Presidente: Luiz Felipe Vasques

Secretário executivo: Sid Castro

Tesoureira: Caroline Libar

Contatos: contato@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

GERAL

- 4 Editorial (Ricardo Herdy);
- 6 Sobre Epidemias, Pandemias e Literatura (Ricardo Herdy);
- 7 Nova presidência do CLFC;
- 8 Com a palavra, Luiz Felipe Vasques, novo presidente do CLFC;

CONTOS

- 10 Areias Eternas (Roberto de Sousa Causo);
- 23 A Peneira (Rafael F. Faiani);
- 26 Dia de Visita (Gilson Cunha);
- 32 Engenho (João Gomes Moreira);
- 34 Outono em Marte (Carlos Klimick);
- 38 Reset (Flávio Medeiros).



SOMNIUM

EDITORIAL

A JORNADA DO HERÓI

Meados de 2015. Estava eu envolvido em meus afazeres quando percebo a chegada de uma mensagem eletrônica: “Você toparia ser o editor da SOMNIUM?”

Começou aí uma trajetória que pode muito bem ser exemplificada pela famosa “Jornada do Herói”: eu estava vivendo em meu **Mundo Comum**, a primeira fase da jornada, quando surge o **Chamado à Aventura**, representado pelo convite recebido pela mensagem eletrônica.

Obviamente minha reação foi seguir de maneira fiel o roteiro: “*Você ficou maluco? Não tem a menor chance d’eu aceitar esse convite!*” – se não foram essas as palavras exatas, foi algo muito parecido. Estava assim configurada a **Recusa do Chamado**.

Mas logo em seguida veio o **Encontro com o Mentor**: “*Poxa, o “Fulano de Tal” que te indicou, ele achou que você estaria pronto para assumir essa...*”. E assim toda a convicção exibida na primeira resposta se esvaiu: “*Bom, como isso funcionaria? Preciso de detalhes...*” – reconhecem aqui a **Travessia do Primeiro Limiar**? Pois é...

E então veio a primeira edição – ou **Testes, Aliados e Inimigos**: a verdadeira entrada na jornada, o começo de tudo. A empolgação e energia no máximo, as ideias pululavam. E assim foi, por mais algumas edições.

Mas eis que em algum momento, a inevitável **Aproximação da Caverna Oculta** acontece: uma primeira baixa na “equipe” de voluntários que ajudavam a produzir a revista. Um motivo muito sério, que me deixou preocupado: afinal, era um amigo, a quem eu aprendi a admirar, que pedia para se afastar para cuidar de sérios problemas pessoais. E prioridades são prioridades: por mais que a SOMNIUM seja um projeto tão querido por todos os envolvidos, há coisas na vida que se sobrepõem a todo o resto, e que demandam toda a com-

preensão de quem está à volta. Não havia nada o que fazer a não ser desejar sorte e oferecer qualquer ajuda que estivesse ao meu alcance.

Continuar, neste ponto, parecia impossível: afinal, a “equipe” agora se resumia, oficialmente, ao editor, apenas. Ou seja: eu.

E mal sabia eu que a **Provação Suprema** ainda estava por vir: um aviso repentino, a respeito do qual não gostaria de entrar em detalhes, me deixou literalmente em pânico. Um susto inesquecível que, felizmente, acabou tendo um desfecho positivo, graças à intervenção de amigos que acionei às pressas. Um evento forte, marcante, que, se por um lado se encerrou com um enorme alívio, por outro consumiu grande parte da minha energia dedicada ao projeto. Fiquei muito abalado por algum tempo imaginando as consequências terríveis que estiveram tão perto de se consumar.

Mas eis que chega o momento da **Recompensa**: ainda envolvido com a revista, consegui finalizar mais uma edição. Tudo voltava ao normal, apesar das incertezas quanto à ajuda que poderia ter a partir daí para levar adiante os próximos números.

E é aí que começa o **Caminho de Volta**: as tentativas de conseguir mais alguém para dividir as tarefas se mostraram infrutíferas; mas eis que, recuperado, meu antigo parceiro reaparece, novamente disposto a ajudar pontualmente – o que é suficiente para conseguirmos fechar a edição que estava em andamento.

Enfim, a **Ressureição**. Mas antes gostaria de fazer um breve resumo de todas as mudanças que passei ao longo deste período. No momento do convite inicial, eu morava no Rio de Janeiro, e nem passava pela minha cabeça sair de lá. Tinha família, amigos e carreira à minha volta. Para não entrar em

muitos detalhes que só tornariam este relato ainda mais enfadonho, resumo: de lá pra cá já morei em dois países diferentes, Canadá e Estados Unidos, completei mais um mestrado (o segundo) que não fazia parte dos meus planos à época do convite, e mudei radicalmente de carreira. Ou melhor, tomei a decisão consciente de buscar uma mudança em minha vida que incluiu dar por encerrada minha carreira anterior e batalhar pela seguinte. Foi uma decisão natural e libertadora – mas devo alertar para não tentarem isso em casa sem a supervisão de um adulto que saiba o que está fazendo (o que, decididamente, não parece ser o meu caso).

Neste ponto, acredito que o leitor mais atento deve estar imaginando o que está por vir: sim, contei tudo isso para anunciar que estou passando o bastão. A SOMNIUM precisa de alguém com mais tempo para tocar suas edições, com mais

dedicação. Com mais energia.

Não levo comigo nenhum arrependimento, nenhuma mágoa. Pelo contrário, este período só me trouxe boas lembranças, que carregarei para sempre. Conheci pessoas fantásticas, tive contato com grandes autores e lancei talentos que já estão brilhando com força no horizonte da ficção científica brasileira.

O que mais eu poderia esperar? Foi uma jornada fantástica até aqui – mas é preciso reconhecer que é chegada a hora de dar espaço para quem pode contribuir mais.

Que a Força esteja com todos vocês. E que tenham uma vida longa e próspera.

Ricardo Herdy



SOBRE EPIDEMIAS, PANDEMIAS E LITERATURA

Ricardo Herdy

E agora foi reconhecida a presença da Morte Vermelha. Ela veio como um ladrão da noite. E, um por um, largou os foliões nos salões cobertos de sangue, cada um morrendo na postura desesperadora de sua queda. E a vida do relógio de ébano terminou com a do último dos foliões. E as chamas dos tripés expiraram. E a Escuridão, a Decadência e a Morte Vermelha tinham alcançado o domínio ilimitado sobre tudo.

“A Máscara da Morte Rubra”, Edgar Allan Poe

O que mais temos ouvido ultimamente é que 2020 está sendo um ano atípico. Também, não é toda hora que um vírus mortal se espalha com velocidade de dobra espacial, espalhando medo e terror por todos os cantos do planeta. Ninguém em sã consciência pode afirmar que estava esperando por um cenário apocalíptico como esse.

Ninguém? Opa, talvez não seja bem assim. A literatura, mais especificamente por meio do gênero amado por todos os membros do CLFC e leitores da SOMNIUM, a Ficção Científica, já prevê cenários como esse há tempos. Temos exemplos tão antigos como “Um Diário do Ano da Peste”, de Daniel Defoe (autor de Robinsão Crusoe), lançado em 1722. Misto de ficção e jornalismo, o autor descreve o cenário de horror causado pela epidemia de peste bubônica que vitimou quase 100 mil pessoas na Inglaterra no ano de 1665.

Numa linha mais ficcional, em 1947 o vencedor do Nobel de Literatura Albert Camus publica seu livro chamado “A Peste”. Conta a história das mudanças ocorridas na cidade de Orã, na Argélia, depois de passar por uma quarentena em função de uma praga transmitida por ratos que atingiu a população. A história é narrada por um médico, Bernard Rieux, envolvido nos esforços para enfrentar a situação. Um retrato de como as angústias individuais causadas pela epidemia podem levar as pessoas à loucura. Mas sentimentos bons também acabam florescendo, como a solidariedade e a compaixão.

Encontramos uma situação semelhante em “O Enigma de Andrômeda”, de Michael Crichton, lançado em 1969. O livro conta a história de uma bactéria que se espalha na população de uma pequena cidade no deserto do Arizona depois da queda de um satélite nas proximidades. O fato desencadeia reações que incluem um protocolo de emergência comandado

pelos quatro maiores cientistas do país.

Em 1978, Stephen King também se junta ao tema com seu “A Dança da Morte”. A história gira em torno da liberação equivocada, pelo Departamento de Defesa, de um vírus mortal – que extermina 99% da população, criando um cenário árido, macabro, sem regras.

O tema parece atrair vencedores do Nobel de Literatura: mais dois autores laureados aderem ao tema. Gabriel García Márquez apresenta “O Amor nos Tempos do Cólera”, que narra uma história de amor proibido durante uma grave epidemia de cólera que assolava a Colômbia. E em 1995, José Saramago se junta ao grupo com seu “Ensaio sobre a Cegueira”, também um caso de uma doença desconhecida que causa cegueira e que se alastra rapidamente, contaminando praticamente toda a população – à exceção de uma única mulher, que testemunha os horrores de pessoas reduzidas ao estado primitivo humano.

Deixei para citar por último o livro “O Deserto dos Tártaros”, de Dino Buzzati, de 1940; apesar de não lidar especificamente com o tema das epidemias, a história mostra, de maneira profunda, as angústias causadas pelo isolamento, pela vida congelada num eterno estado de expectativa frustrada.

Todos esses exemplos servem para mostrar a importância da literatura, e, em particular, da ficção científica. Eles nos preparam, em alguma medida, para enfrentarmos a atual situação. E as medidas de isolamento e quarentena nos empurram de volta à literatura, à pilha de livros não lidos que aguardam pacientemente em alguma prateleira das casas de cada um de nós.

Voltemos às leituras, pois. Sem elas, enfrentar tudo isso seria muito mais difícil.

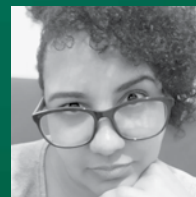
NOVA
presidência
CLFC
clube de leitores de ficção científica



LUIZ FELIPE VASQUES
Presidente



SID CASTRO
Secretário Executivo



CAROLINE LIBAR
Tesoureira

Com a palavra,
LUIZ FELIPE VASQUES,
novo presidente do CLFC.



Finalmente alcançamos os anos 2000, ultrapassamos o marco do terceiro milênio. Não nos destruímos na guerra nuclear entre as duas superpotências, mas estamos longe de alcançarmos a utopia, havendo muito ainda a ser feito. E já estamos 20 anos adiante.

Há pouco menos de cem anos atrás, Hugo Gernsback batizava o futuro, deixando claro um esforço criativo literário sobre o que estava ocorrendo. Os escritores se acostumaram a pensar além do horizonte, e nos mundos e possibilidades imaginados, também deram datas, arriscando um caráter erroneamente dado como oracular ao gênero.

Entre as datas, era óbvio o fascínio pelo 'zerar' do calendário a partir do ano 2.000 (na verdade, o encerramento do Século XX), como se nossos pecados fossem perdoados e esquecidos com uma mera virada de página: afinal, isso ocorre somente uma vez a cada mil anos. Ao mesmo tempo, é como se fosse a esperança depositada na melhora de tudo que podemos sentir pela aproximação do réveillon e o ano novo que se inicia, mas com três ordens de grandeza acima. O novo milênio e a renovação da fé em um mundo melhor.

Tendo isso em vista, para 2020 – e os 2020s –, criadores anteciparam e extrapolaram, em obras tratando de uma Humanidade unificada além das fronteiras nacionais, e alcançando outros mundos já por essa época – mas gradativamente assumiam um tom pessimista quanto mais os novos Anos 20 se tornavam futuro próximo. A partir dos 1980s e o cyberpunk, a visão se tornou mais pessimista, em um futuro baseado em visões de Internet e tecnologia avançada acessível a quem pudesse comprar, mas focando em desigualdades sociais, concentração de renda enquanto as cartas passavam a ser dadas por grandes corporações financeiras, em detrimento da autoridade e dos direitos civis.

Ainda assim, ocasionalmente pode-se ver 2020 sob boas perspectivas. Na trilogia de Marte por Kim Stanley Robinson, em *Red Mars* (1992) temos a primeira expedição colonizadora em 2026, embora o primeiro homem lá tenha chegado em 2020, e no universo de *Babylon 5*, a lua passa a ser colonizada no fim dos 2010s.

E, se bem é verdade que não temos Charlton Heston berrando sobre o segredo da principal fonte de alimentos em ruas superlotadas, temos problemas com superpopulação,

iminente colapso ambiental, e de distribuição de recursos e alimentos no mundo de 2020.

Mas também são os dias estes em que se acessa a maior biblioteca jamais reunida na História a partir de um aparelho que está no bolso da calça, assim como se comunica em áudio e vídeo tanto pessoalmente como em conferência com várias pessoas, e acostuma-se a resolver a vida de casa através desta tecnologia, enquanto a sociedade enfrenta a primeira grande pandemia em cerca de cem anos.

Ou, são os dias que, pela primeira vez, temos a chance de ver e debater questões étnicas, sociais, culturais e de gênero, que não sob um mesmo prisma tradicional dominante.

O mês de Julho viu três missões serem lançadas a Marte, não somente pelos EUA, mas também pela crescente presença espacial da China, e dos novatos no pedaço que são os Emirados Árabes Unidos. Marte, este que não deixa de ganhar uma crescente população robótica e alienígena, pesquisando e escavando atrás de uma vida ancestral que pode ter existido eras atrás.

O Clube de Leitores de Ficção Científica avança rumo aos seus 40 anos ainda nos 2020s. A literatura especulativa se diversifica, inova e renova, tanto tematicamente quanto precisando elaborar recursos para sua sobrevivência, levando em conta as realidades econômica e de mercado. Caberá redefinirmos nosso papel, como agremiação de fãs e criadores de literatura fantástica, em meio a um contexto que não espera autorização, presta contas e muito menos pede desculpas por suas mudanças. Já estamos no meio do biênio 2019-2021 da atual presidência do clube, e esperamos poder contribuir neste contínuo processo de mudança.

O ano é 2020, e estes são dias de ficção científica.

Luiz Felipe Vasques

A stylized digital landscape. In the center, a large sun with a gradient from orange to pink. Below the sun are dark blue, silhouetted mountains. The foreground is a cyan grid that recedes into the distance, creating a sense of depth. The background is a dark purple to blue gradient with a faint grid pattern.

CONTOS

AREIAS ETERNAS

Roberto de Souza Causo



*E nem mais existirá a esperança do trágico...
E no vazio,
em vão apelareis para as grandes catástrofes,
para a vaidade do ranger dos dentes,
para o pavoroso das formas não de todo feitas,
sob o terrível das forças verticais...
Sumirão as espadas suspensas de fios,
sumirá a mão que escreve nas paredes
do festim velho,
e a Esfinge dormirá nas areias eternas...*

—João Guimarães Rosa, “Iniciação”

— 1 —

Jonas Peregrino lia sozinho no alojamento que partilhava com outros cinco cadetes da Academia Militar de Olympus Mons, em Marte. Uma canção tradicional do Mato Grosso, escrita no século XXII, preenchia os aposentos e enchia o coração do moço com saudades de sua terra. Seus colegas haviam saído para algum tempo de interação na cantina principal, mas ele preferira ficar para colocar sua leitura de prazer em dia, depois de repassar com eles alguns pontos das disciplinas de Física, Navegação Espacial e Orbital, e Sistemas Operacionais de Combate.

A leitura favorita de Peregrino era a série de novelas *Perry Rhodan Ucronia: A Esfera*, e ele já havia lido mais de duzentos episódios. Enquanto lia e ouvia música, havia regulado a iluminação do alojamento para UV, de modo a obter à sua hora



diária recomendada para a absorção correta de vitamina D. A intensidade mal dava para bronzear, mas ele se banhava na luz só de cuecas. Também interrompia a leitura para fazer flexões e abdominais, de modo que havia um bocado de suor no seu corpo quando a Cadete Sênior Helena Borguese entrou acompanhado de um homem com a armadura propulsada Kirkincho K-1 das Forças de Superfície e divisas de primeiro sargento.

Peregrino levantou-se com um pulo e assumiu a posição de sentido, sem se importar em vestir a camiseta do uniforme 9.º A. A luz vermelha painel fixo na parede do lado de fora do alojamento informava a qualquer interessado que a iluminação era UV e que havia cadetes seminus lá dentro.

Borguese o mediu de alto a baixo. Em seguida, com dois passos aproximou-se da mesa de estudos de Peregrino e desligou o pequeno aparelho de som, calando a canção da Terra

distante. Era uma garota alta e orelhuda, que Peregrino não conhecia bem, já que era aluno do terceiro ano e ela do quarto. Sabia que Borguese estava no topo da sua turma e devia partir em breve no seu primeiro estágio de três Terrameses como alferes em algum vaso de destaque no 1.º Distrito das Forças Espaciais. Além disso — e talvez por causa disso —, Borguese não fazia o menor esforço para esconder que achava o serviço de comando dos alojamentos das turmas inferiores algo abaixo da sua dignidade.

— Aqui está — ela disse, para o sargento ao seu lado. — Segundo os registros da academia, este cadete é o melhor tanto em orientação de campo quanto em COPS.

COPS era a sigla para “Controle Orbital de Progressão em Superfície”. Obviamente, Borguese fazia parte do substancial contingente de cadetes — e de professores, a propósito — que torciam o nariz para esse tipo de coisa dentro das forças espaciais. Afinal, as forças de superfície existiam para isso — operar em planetas e outros corpos celestes. Peregrino entendeu imediatamente por que eles o procuravam. Mesmo assim, e notando que Borguese não se dera ao trabalho de chamá-lo pelo nome, voltou o rosto ostensivamente para o sargento, apertou os olhos para ler o nome “Ramos” em seu peito, e perguntou:

— Qual é a emergência, Sargento Ramos?

Enquanto Borguese bufava, Ramos deu um meio sorriso. Nas dependências da academia ele devia curvar-se à autoridade dos cadetes, de modo que Borguese era a pessoa mais graduada no recinto. Mas, notando como Peregrino a tinha contornado abertamente, Ramos pegou a deixa e entrou no jogo.

— Possibilidade de garimpeiros ilegais na escarpa oriental do vulcão — informou. — Vem uma tempestade de areia das grandes, pr’as próximas horas, e garimpeiros ilegais às vezes usam a cobertura das tempestades pra evitar o sensoriamento orbital. O deslocamento deles pra cá foi detectado antes da chegada da tempestade. Nosso especialista em orientação de campo e COPS está ausente, fazendo um curso em Titã. Precisamos de um reforço apenas nessa área.

— Não sei se isso só justifica — Borguese o interrompeu. — Tem que haver mais alguém na sua companhia capaz para isso.

— A companhia toda foi rodiziada há pouco tempo da Patagônia pra cá — Ramos justificou, quase dando de ombros.

Peregrino, que ainda estava em posição de sentido, assentiu com a cabeça sem perceber. A academia só havia obtido autorização de se instalar na borda sul de Olympus Mons com a condição de agir ativamente para preservar o monumento

natural, patrimônio geofísico do Sistema Solar. O vulcão extinto era um de um conjunto de quatro existentes naquela face de Marte, e durante muito tempo fora considerado o mais alto vulcão do sistema, com 25 quilômetros de altura. A datação in loco havia determinado que alguns dos seus derrames de lava ocorreram há 430 milhões de anos, bem adiantado na Era Amazônica Posterior das eras geológicas — ou *areológicas* — do planeta¹. Tanta lava, cobrindo uma área de 600 quilômetros, expunha à superfície muito minério — e isso atraía os garimpeiros. A academia e o 1.º DFE/4.º Exército da Latino-américa mantinham duas companhias de infantaria embarcada e duas de infantaria de superfície, respectivamente, para patrulhar e proteger o monumento natural — e garantir a segurança da própria AMOM.

— Não é uma convocação — Ramos acrescentou —, mas solicitação de ajuda. — Ele finalmente deu de ombros, sorriu e disse: — Estamos no meio do fim de semana, calhou da minha companhia, novata em Marte, ser a única de serviço operacional... e a urgência é manifesta.

Peregrino sabia que as duas companhias de infantaria embarcada estavam num exercício internacional em Plutão, em conjunto com forças da Euro-Rússia, a “Operação Dark Light-Years”. Significava que a companhia de Ramos teria de atuar sozinha, pois sua subunidade-irmã permaneceria aquartelada como segurança da academia e como reforço.

— Se a Cadete Sênior Borguese permitir, eu me visto imediatamente e podemos ir. Terei prazer em ajudar.

Em resposta, Borguese foi para junto da porta, virou-se para eles e disse:

— Vocês dois podem se entender como acharem melhor. — Apontou para Peregrino. — Vá direto ao armeiro de serviço para pegar traje e armamento. Eu apoio, seguindo a recomendação da diretoria. Não se esqueça de dar notícia da sua saída ao oficial de dia, e diga a ele para me manter informada. Não demore muito. Tenho mais o que fazer do que te acompanhar você nessa excursão.

— Sim, Cadete Sênior Borguese.

Peregrino e Ramos seguiam pelos corredores da AMOM com destino ao arsenal e vestiário. A armadura do sargento rangia baixinho, com as suas passadas largas.

— Você é nativo-brasileiro? — Ramos perguntou.

— Não. Quer dizer... não inteiramente. Mestiço.

— Mas foi criado como indígena? — Ramos insistiu.

Mais um vez, Peregrino hesitou.

— Perto disso. Passei muito tempo da infância e adolescência em aldeias e andando pelos matos com os xavantes do norte do Pantanal Matogrossense. Por que pergunta, sargento?

1 As eras geológicas de Marte possuem nomenclatura própria. A era amazônica começou há 2.8 bilhões de anos, e corresponde ao final do período arqueano e o início da era proterozoica na geologia da Terra. A era amazônica persiste até o presente.

— Nosso especialista, o Cabo Paulo, é um caiapó. Os melhores especialistas em orientação que já conheci são ou indígenas amazônicos ou mexicanos. E você tem o tom de pele...

Peregrino deu uma boa olhada no sargento. Ele parecia experiente, lá pelo fim da casa dos trinta.

— Imagino que faça sentido. — Então perguntou: — Mas acho que o ideal aqui seria um nativo de Marte, não é mesmo?

— De jeito nenhum, cadete — Ramos disse, com convicção. — Por razões de segurança, a maioria deles cresce nos *habitats* fechados e nas cidades subterrâneas, e só tem instrução em atividade externa na adolescência. Não desenvolvem na infância os instintos necessários. E temos poucos marcianos em nossa unidade. A maior parte deles logo se envolve com o comércio, a mineração ou nos projetos de adequação ambiental do planeta. E a colônia latina aqui é pequena. Poucas opções.

— Entendo.

Peregrino havia visitado a colônia latina, Nueva Esperanza, umas poucas vezes. O lugar era de fato pequeno. Apinhado. Os habitantes torciam o nariz quando os cadetes invadiam as instalações recreativas. A Zona 1 de Expansão Humana tinha dessas coisas. As primeiras colônias logo alcançaram os seus limites, criaram hábitos arraigados, olhavam demais para o velho berço da humanidade. O grosso do pessoal das Forças Armadas Integradas era fornecida pela Terra e pelas colônias mais recentes instaladas nas Zonas 2 e 3.

— De onde você é, sargento?

— De Huancayo, no Peru — Ramos disse. E emendou: — De quantos exercícios você participou, pra conquistar essa qualificação?

— Os maiores foram seis. Três no primeiro ano, dois no segundo, e um no terceiro. Ano passado, fui o primeiro escla-recedor do grupo de resgate montado às pressas pra socorrer um grupo de turistas alienígenas que sofreu um acidente na caldeira do vulcão. Mas há mais um exercício semestral programado pra daqui a dois Terrameses, envolvendo todo o corpo de alunos. Ei, se a gente conseguir voltar, talvez esta operação me traga mais alguns pontos, hein?

— Nós *vamos* voltar — Ramos afirmou.

Peregrino assentiu, mas manteve-se em silêncio. Em mais um minuto, estavam no arsenal e no vestiário anexo. Estavam vazios, como era de se esperar no fim de semana. Robôs faxineiro rodavam e aspiravam por ali, quase em silêncio. Peregrino foi direto até a sala do armeiro, localizada na junção dos dois espaços, e bateu na porta.

— Entre! — disse uma voz feminina.

Peregrino fez uma breve careta antes de entrar, torcendo pra que Ramos não a tivesse visto. Era a Tenente Célia Urrutia

servindo como oficial armeiro, no meio do fim de semana.

— Cadete Peregrino — ela disse, sentada atrás da escrivaninha modular, e sem dar tempo a ele de se apresentar. — A Cadete Sênior Borguese me informou do caso. E você é o Sargento Bolívar Ramos, da Primeira Companhia do Nono Destacamento da Guarda Especial de Marte. Pelo que entendi do perfil do caso, o cadete vai precisar da armadura de combate leve com provimento completo e equipamento de localização e comunicação, um detonador M6, e a bermuda de interface correspondente à... Espere. — Ela apertou os olhos. — Você está todo suado, cadete. O que é isso! Completamente fora do padrão de higiene para vestir a bermuda de interface. Eu vou ter que reportar isso, e você não vai escapar dos deméritos. Está no terceiro ano! Já devia saber que isso é inaceitável.

Peregrino assumiu a posição de sentido para suportar a bronca. Não disse nada. Podia sentir o desconforto de Ramos ao seu lado. Enfim, o sargento resolveu intervir.

— Há uma certa pressa em jogo, Tenente. Preciso levar o cadete até a minha unidade pra seguirmos até a área de atuação antes que a tempestade se instale. Quando cheguei, pedi pra que o candidato ao elemento de que precisamos fosse alertado antecipadamente, mas pelo que entendi, não é assim que vocês trabalham aqui...

— Exatamente, Sargento Ramos! — Urrutia rosnou, voltando seus olhos escuros e fuzilantes para ele. — Os cadetes sob os cuidados da academia não são notificados de *nada*, nem mobilizados ou instruídos sem supervisão direta *dentro* da hierarquia de comando apropriada.

— Eu compreendo perfeitamente — ele respondeu. — Mas a necessidade de partirmos o quanto antes permanece. E toda essa reprimenda só está fazendo o menino suar mais ainda.

Urrutia levantou-se e apoiou as mãos na escrivaninha.

— Você faz parte do corpo docente desta instituição, Sargento Ramos? É um educador disfarçado de soldado de infantaria? Já cursou esta academia em algum outro momento da sua vida, por tempo suficiente para dar palpites sobre como devemos conduzir a instrução e o ensino dos nossos cadetes?

Ramos respirou fundo. Ele não estava em posição de sentido. Apontou com dedo em riste a tela do computador sobre a escrivaninha do armeiro.

— Não sei nada sobre os aspectos educacionais nem sobre a didática deste lugar — disse —, mas me pergunto se o ofício que enviamos menciona a prerrogativa fundacional da AMOM, que implica na defesa da integridade de Olympus Mons. É só por isso que estou alocado aqui em Marte, num anexo da sua academia, e a única razão de eu estar na sua frente agora. Tenho certeza de que o corpo docente, administrativo e discente da academia tem a mesma obrigação precípua que eu e os meus colegas. Mas não suponho que a

senhora tenha as habilidades de orientação de campo e controle orbital de progressão em superfície que precisamos pra enfrentar a tempestade de areia lá fora. O rapaz aqui tem.

A tenente e o sargento ficaram se encarando por um, dois, três, quatro segundos...

— Vou precisar de uma carabina de alta energia também, e um ansível TK-setenta e cinco.

Os dois voltaram os olhos para ele.

— *O quê?* — Urrutia quase balbuciou.

— Carabina de alta energia, ansível portátil TK-setenta e cinco. Se vamos enfrentar garimpeiros ilegais e piratas, quero mais poder de fogo. E com o ansível podemos nos comunicar com a estação internacional não importando o clima, e garantir que pelo menos a nossa posição vai ser acompanhada pelos sensores deles. A previsão é de que essa tempestade de areia em particular vai ser muito intensa e cobrir todo o hemisfério do planeta em que estamos.

Transmissões eletromagnética e registros térmicos podiam ser muito prejudicadas por uma tempestade de areia desse nível. Mas o ansível “atravessava” tudo. Planetas rochosos, gigante gasosos, nebulosas ativas, até estrelas de nêutrons. Na verdade, o seu feixe de dados codificados não pertencia à estrutura física do nosso universo. Peregrino sabia que Urrutia nunca colocaria um aparelho tão caro nas mãos de um cadete do terceiro ano. A tenente começou a cuspir argumentos nesse sentido, enquanto Ramos comentou que o ansível de fato seria útil, e que a própria companhia dele não dispunha de um. Antes que os dois iniciassem mais um bate-boca, Peregrino disse:

— A carabina, então.

— Está bem — Urrutia disse, sentando-se. Seu rosto estava muito vermelho.

— Era a carabina de alta energia que você queria o tempo todo?

— Sim, Sargento.

Ramos sorriu. Eles seguiam em um carro elétrico, aberto, rumo ao quartel das tropas de superfície. Peregrino vestia a armadura, tentando ignorar o corpo pegajoso de suor dentro da bermuda de interface e tocando as almofadas de pressão nos membros da armadura.

— E por que, garoto? — Ramos inquiriu. — Só o detonador não basta pra você?

— Basta pra você e a sua tropa?

— Não — o sargento disse, sem hesitar. — Não sabemos que equipamento ou armamento esses caras têm. Pra enfrentar uma tempestade dessa magnitude, eles devem confiar bastante no seu *hardware*. Provavelmente são gente da Aliança ou

da Euro-Rússia, que têm material de primeira. O nosso não chega perto. Então existem riscos muito reais. — Ele fez uma pausa, e então: — Desculpe te enfiar nesta situação.

— Se os garimpeiros têm um equipamento tão bom e vocês tiverem a desvantagem de se perderem na tempestade de areia, a missão se torna inviável.

— Esse foi o nosso raciocínio — Ramos admitiu. — Você tem uma cabeça bem atarraxada no pescoço, rapaz.

— Mas isso não significa que vou poder ajudar vocês de fato. Não há muitas garantias de progressão eficiente no terreno, em condições como essas.

— É claro. Mesmo o Cabo Paulo teria dificuldade.

O carro deteve-se diante de uma lancha de transporte. Um padioleiro esperava do lado de fora.

— Suas armas e equipamento já estão lá dentro, Sargento — ele disse.

— Muito bem, Francisco. Vá na frente. Você também, cadete.

Eles embarcaram. Peregrino seguiu atrás do padioleiro Francisco, sem registrar os rostos dos homens e mulheres já sentados mas ainda sem os capacetes, com o equipamento fixado entre os pés e as carabinas de alta energia presas em suportes ao lado direito de cada um. Foi assim até Ramos lhe indicar um assento livre. Peregrino sentou-se em silêncio, e deu um jeito no seu próprio material. Ramos sentou-se ao seu lado. A lancha pairava acima do piso do hangar, rumo à larga eclusa que dava para o exterior marciano. Enquanto o grupo esperava a comporta externa abrir, Peregrino colocou o capacete, que começou a receber o *feed* de dados operacionais. Ele jogou *briefing*, croquis e dados de sensoriamento no *head-up display* no visor do seu capacete.

A lancha se atirou para fora da eclusa. No mesmo instante, Peregrino sentiu uma pequena vertigem que não se relacionava com o movimento. A academia era uma instalação ampla mas compacta, não diferente de um grande vaso espacial como um cruzador ou uma nave de transporte — completo com sua fonte de energia autônoma e gravidade artificial de um gravo padrão. Qualquer um que se encontrasse fora dela estaria submetido à gravidade marciana, de pouco mais que um terço da gravidade da Terra.

Não havia vigias dando para a paisagem marciana, nesta seção do veículo. Mas uma tela de vídeo era reproduzida no HUD. A imagem era de alta definição, o que surpreendeu Peregrino. A lancha ascendia, mas o grande paredão da borda sul do vulcão em escudo ainda preenchia quase a metade da tela. O céu já tinha uma tintura rósea no horizonte, de poeira flutuante na atmosfera rarefeita. Peregrino se perguntou se Fobos estaria visível em outro ângulo. A lua maior percorria o céu três vezes durante o dia marciano — chamado “sol” — de 24 Terrahoras e 39 minutos. Ver a sua forma distante passan-

do velozmente era um dos prazeres do cadete, que frequentava o observatório da AMOM sempre que possível.

— Tudo bem com você, garoto?

— Sim, sargento... Mas há uma coisa.

Não teve tempo de elaborar, porém. Uma mulher com a divisa de segundo tenente na armadura veio caminhando da proa da lancha e parou diante dele. Peregrino desligou o HUD e retirou o capacete. A oficial tinha traços incomuns, de faces largas, nariz chato, queixo estreito e boca pequena. Os olhos eram muito claros no rosto latino.

— Fique sentado — ela disse. — Sou a Tenente Carrero, comando a operação. Você é o cadete que o Sargento Ramos foi buscar. A leitura dos sistemas biométricos enviados pela sua armadura ao meu console está intermitente.

— É efeito do suor na bermuda de interface. Eu estava me exercitando quando o Sargento Ramos me procurou. O assunto era urgente, não tive tempo de tomar um banho.

— O assunto é urgente — ela disse. — Nos fundos há um nicho de enfermagem. Você vai encontrar uma toalha lá, cadete, e líquido higienizador pra passar nela. Temos dezoito minutos antes de chegarmos ao objetivo.

— Sim, Tenente. Mas eu gostaria de falar rapidamente com a senhora, se for possível?

— Assunto? — ela perguntou, torcendo a boca.

— O ponto em que se imagina que os garimpeiros estarão.

A mais breve hesitação da parte de Carrero. E então:

— Eu te acompanho. Vamos.

Peregrino notou que a Tenente Carrero tinha os ombros largos e os braços grossos de uma fisiculturista, e mesmo a Kirkincho não conseguia esconder os movimentos dos glúteos grandes e musculosos. Movia-se muito bem, na baixa gravidade. Talvez fosse uma ciberaumentada — faria mais sentido enviar uma segundo tenente que fosse uma ciborgue, para comandar uma missão importante como essa. Assim que chegaram ao nicho, ela disse:

— Você sabe o que fazer, então faça.

Sem registrar verbalmente a ordem, Peregrino encontrou a toalha e o detergente corporal. Começou a despír a armadura. A bermuda de interface ele baixou até a cintura — a sonda líquida da bermuda já estava na uretra e no ânus. Lembrou-se do olhar agudo de Helena Borguese, medindo-o de alto a baixo ao encontrá-lo só de cuecas no alojamento. Sentiu-se corar e deu as costas à oficial, virando o corpo apenas para que ela pudesse ver o perfil do seu rosto. Enquanto esfregava a toalha molhada no corpo, disse:

— Pelo que entendi do perfil da missão, vamos interceptar um veículo de superfície que pretende usar a tempestade

como cobertura pr'a garimpagem clandestina dentro da área protegida de Olympus Mons. É um movimento coordenado com a progressão da tempestade...

— Como sabe que é um veículo de superfície? — Carrero o interrompeu.

— Se fosse um flutuador anti-G, ele seria passível de detecção apesar de qualquer condição de clima.

Marte havia sido mapeado em termos gravitacionais por sondas e satélites artificiais e com frequentes atualizações desde fins do século XX, com maior precisão no início do XXI. Com base nos dados mais minuciosos, sensores gravíticos orbitais podiam identificar qualquer variação negativa — como a marcada pelos geradores antigravitacionais dos flutuadores. Ainda mais nas imediações de Olympus Mons, o ponto de maior gravidade da superfície do planeta.

— É isso mesmo — Carrero concordou.

— Imagino que com base na última localização desse veículo ou veículos...

— *Veículos* — a mulher esclareceu. — Três.

— Três veículos. Com base na última localização deles e no seu trajeto conhecido, se extrapolou que o destino devia ser os depósitos conhecidos de ouro e diamante localizados no limite oriental do escudo, na mesma latitude dos Sulci Gordii. Além disso, eles estariam muito próximos da área mais delicada do escudo, onde a Olympus Rupes Sudeste é interrompida. — O vulcão era um dos pontos de Marte que detinham água subterrânea, mantida no estado líquido por fontes geotérmicas, e formas de vida nativas existindo nos depósitos de água. Esses micro-organismos precisavam ser protegidos a todo custo, e as muitas passagens encrustadas na vasta rampa que se derramava do alto de Olympus Mons até o planalto de Tharsis eram um convite para que os veículos alcançassem a parte superior do vulcão. Peregrino completou: — Foi o que entendi dos dados da missão.

— Nota dez até aqui, cadete — Carrero disse. — Prossiga.

— O mercado de ouro e diamantes na Zona Um é regulado internacionalmente e dirigido à mineração de asteroides, onde esses e outros elementos são abundantes. O mercado clandestino pra essas coisas foi abafado pela regulação. Então é contraproducente uma aventura como esta, ainda mais envolvendo três veículos.

Peregrino voltou a cobrir o tronco com a bermuda de interface, e procurou rapidamente onde no nicho de enfermagem ele podia dispensar a toalha. Puxou uma tampa basculante da parede, e a jogou lá dentro. Virou-se para a oficial e começou a vestir de novo a armadura.

— Existe um item de mercado negro que ainda não caducou — disse —, o de lítio natural para a obtenção de lítio-seis, que pode ser usado na produção de armas nucleares. Elas são

proibidas na Zona Um e a mineração do lítio é mais regulada ainda, mas vi em algum lugar que as autoridades da Aliança tinham desbaratado uma célula da organização Freedom Frontier em Bradbury e encontrado dados sobre a obtenção de lítio-seis nos computadores e *tablets* deles.

“Há uma fonte de lítio natural bastante conhecida nas proximidades da escarpa oriental de Olympus Mons, depositada no planeta pelo choque de um meteoro há um monte de milhões de anos, e coberta superficialmente por um dos derrames de lava do vulcão. É uma cratera exumada² que fica só a trinta e cinco quilômetros, mais ou menos, ao sul de onde vocês acham que os garimpeiros se dirigem.”

A Freedom Frontier havia surgido na colônia da Aliança Transatlântico Pacífico em Bradbury's Hope, e era uma organização militante dedicada a promover condições para a abertura total de Marte à iniciativa privada e à indústria de transformação. Para eles, a colonização do planeta ainda não havia criado a sociedade libertariana que eles aspiravam por causa das regulamentações protetoras do legado natural e histórico do planeta. A obtenção de artefatos nucleares proibidos na Zona 1 por todos os blocos políticos seria um passo além na radicalização da Freedom Frontier, que já vinha sendo apontada como grupo terrorista por algumas autoridades.

— Como é que você sabe dessas coisas, cadete? — Carrero perguntou.

— Vendo o noticiário local? A cratera exumada com a fonte de lítio eu conheço do meu trabalho de Areografia³ do primeiro ano.

Carrero o fitou muda por um instante, os olhos claros percorrendo o rosto dele. Então sorriu com ironia.

— Você tem tempo pra isso — disse —, com todo o estudo das disciplinas acadêmicas, das disciplinas militares, da preparação física e da paquera em cima das suas colegas na cantina da academia?

— Eu posso ter pulado algumas dessas coisas — ele respondeu, sem olhar para ela, ocupado em se enfiar na armadura — pra achar tempo pra me manter a par dos assuntos correntes.

Não voltou a olhar para a Tenente Carrero ou a se dirigir a ela. Sabia que a oficial não o levaria a sério, mesmo que insistisse. Mas dissera o que achava que precisava ser dito. Depois de fechar a armadura, passou calado por ela e retornou ao seu assento ao lado do Sargento Ramos.

Depois que Carrero passou com passos duros pelos dois rumo à cabine de comando na proa, Ramos cutucou Peregrino com o cotovelo.

— Deu sorte com ela? — ele perguntou.

— Nem de longe.

— 2 —

A tela repetidora no HUD de Peregrino mostrava um gigantesco redemoinho de sílica eletrificada pelo veloz atrito das suas partículas, estendendo-se do solo, por quase cem metros, para o céu, com relâmpagos explodindo no seu interior. Tipo a Mãe de Todos os Sacis-Pererês abrindo caminho para a Mãe de Todas as Tempestades de Areia. Arrancava toneladas de areia da superfície de Marte e as colocava no ar, apagando a topografia de alguns pontos para desenhar outras mais adiante. Atrás dele, outros redemoinhos menores se formavam, seguidos de perto pelo paredão vasto, de um quilômetro de altura se agigantando ainda além do horizonte, escuro, tremulante e interminável da tempestade. Tempestades globais ocorriam durante o outono e inverno marcianos, e esta tinha a previsão de durar mais de duas semanas, boa parte sobre o hemisfério ocidental e suas regiões de Tharsis Montes e Amazonia Planitia — separadas justamente pelo escudo e adjacências de Olympus Mons. Mas a baixa gravidade e a baixa densidade da atmosfera de Marte, ainda mínima apesar de dois séculos de esforços de ajuste ambiental planetário, transformavam toda essa pirotecnia meteorológica em eventos pouco destrutivos se comparados aos furacões da Terra, menos exibicionistas porém mais poderosos.

Olympus Mons era tão alto — 27 quilômetros acima da altura média da superfície de Marte —, que a parte superior do vulcão com a caldeira principal se atirava no espaço acima da atmosfera, e estaria eternamente protegido das tempestades. O que preocupava Peregrino, porém, era que eles poderiam ter chegado tarde demais para surpreender os garimpeiros antes que a tempestade se instalasse.

A lancha sobrevoou a área por alguns minutos. Um par de *drones* — claramente descartáveis — foi lançado. Então, sem aviso, a imagem na tela sofreu uma violenta guinada e o terreno abaixo começou a correr em velocidade dobrada. Ao lado de Peregrino, o Sargento Ramos se mexeu irrequieto, mesmo preso pelo cinto de segurança de cinto pontos.

Passados mais alguns minutos, ficou claro que abandonavam a área. Os dados do feed do comando informaram que voltavam a voar para o sul. Peregrino não soube o que pensar. A comandante da operação teria reconsiderado a sua hipótese?

— Cadete Peregrino — ouviu nos *headphones* do seu capacete. A voz da Tenente Carrero. — Apresente-se na cabine de comando.

Ele se desvencilhou do cinto e obedeceu à ordem. A cabine de comando era também a de pilotagem. Carrero sentava-se num assento mais próximo da escotilha que a separava

2 Cratera de impacto que, com o tempo, foi apagada pela erosão, voltando a ser descoberta ou reconhecida como cratera mais tarde.

3 O estudo das apresentações geográficas do planeta Marte (o deus da guerra Ares, na mitologia grega).

do compartimento em que os soldados se sentavam, do que do console do piloto. Ao seu lado havia um terceiro sargento, sentado com um *tablet* tático no colo. O olhar de Peregrino fugiu para as amplas vigias frontais. As escarpas da borda oriental do vulcão assomavam à direita agora — como um continente inteiro atirado sobre a areia, para quebrar a perspectiva ferindo o horizonte encurtado de Marte. Ele entendeu que a tempestade já havia se chocado contra elas, ao sul. Em mais alguns minutos, estariam dentro da nuvem de poeira aerotransportada. Pelo jeito, os garimpeiros ilegais tinham sincronizado os seus movimentos com perfeição... Deviam ter ajuda técnica de primeiro nível, com acesso a interpretação de dados meteorológicos.

— Chamei-o porque quero que saiba que repassei a sua hipótese ao controle operacional — Carrero disse. — Ela foi ignorada na primeira avaliação. Mas os analistas táticos fizeram uma segunda, a partir dos últimos dados orbitais e da nossa própria observação direta ao chegarmos no objetivo. Até um contato com as autoridades da Aliança em Bradbury's Hope eles fizeram. Estamos rumando para o local que você indicou, e que já constava dos nossos bancos de dados como um ponto sensível do complexo do vulcão. Vou atualizar o meu pessoal dentro de instantes. E você vai passar a receber o *feed* tático direto do controle operacional, assim como eu. — Ela sorriu, com um brilho divertido olhos. — Não partilhe nada com ninguém até segunda ordem, e use com sabedoria.

— Sim, Tenente.

A lancha alcançou o novo objetivo com uma parábola balística, subindo alto o bastante acima da tempestade de areia para fazer um esforço desimpedido de reconhecimento com os sensores de bordo, triangulados com os satélites e estações orbitais. Os resultados foram inconclusivos quanto à localização precisa dos três *rovers* dos garimpeiros. Mas positiva quanto a interferência eletromagnética. Os sujeitos empregavam emissões eletromagnéticas ampliadas e difundidas pelo conteúdo mineral aerotransportado, para embaçar eficientemente a sua detecção. Tanto atrito na superfície também mascarava a sua assinatura térmica — outro motivo para os veículos serem *rovers* e não flutuadores.

O aviso de *preparar para desembarque* expulsou suas reflexões. Peregrino levantou-se com o Sargento Ramos, colocou o capacete e iniciou a pressurização da armadura. Seus ouvidos estalaram. Ele apanhou o seu equipamento e a carabina de alta energia. Ramos indicou a escotilha de bombordo da lancha, e os dois foram para o começo da fila. No *headphone* do capacete, a Tenente Carrero ordenou o pouso e a descompressão do espaço interno, e iniciou a contagem regressiva para o desembarque. Os homens e mulheres da infantaria de superfície calçaram as sapatas de areia e empunharam as armas. Peregrino aproveitou esse minuto para conferir as frequências de comunicação que o Sargento Ramos lhe tinha passado.

A tempestade de areia deu-lhes as boas vindas, quando saltaram. Não era a primeira desse tipo que Peregrino enfrentava. Em um segundo, seus ouvidos registraram o crepitar da areia oxidada e partículas de minerais vulcânicos batendo contra o exterior do capacete. O sensor acoplado a uma das antenas que se projetavam discretamente da mochila às suas costas registrou a velocidade do vento em 109 km/h. Com esse dado, ele regulou os sistemas do capacete para emitir uma onda compensadora, e o crepitar diminuiu consideravelmente. Não teve dificuldade em manter-se em pé, mesmo com essa velocidade do vento. Para se locomover, também não precisou acionar o modo autopropulsado da armadura.

Quando saltaram, os soldados deslizaram pela areia vermelha de Marte por cerca de vinte metros da lancha. Peregrino acompanhou-os com facilidade. Sob o comando de Ramos, eles detiveram a marcha e puseram um joelho na areia. Peregrino olhou para trás por cima do ombro direito. Viu o vulto escuro da comprida lancha de transporte, as luzes de navegação acesas, levantar voo silenciosamente no seu campo de repulsão anti-G, criando um vácuo momentâneo entre as cortinas de areia sopradas pela tempestade. Agitados por alguma ionização residual dos reatores da lancha, raios explodiram acima das cabeças da tropa, marcando seus ombros de luz e a areia marciana com suas sombras. Um arco voltaico formou-se entre um ponto elevado da tempestade e um dos soldados ajoelhados na areia, mas o isolamento da Kirkincho K-1 funcionou com perfeição. Peregrino acionou os sistemas de posicionamento do computador portátil que trazia consigo da AMOM. Os dados meteorológicos e táticos começaram a chegar.

— Luzes de orientação individuais! Luzes de orientação individuais! — Ramos ordenou. A sua voz saía abafada pelo crepitar interno do capacete. — A lancha vai fazer um reconhecimento em voo automático de trezentos e sessenta graus e retornar a este mesmo ponto. — Gesticulava com um indicador para baixo. — Aqui é o ponto de encontro!

Peregrino acionou a luz de orientação do seu traje. No voo automático de 360°, o piloto-automático faria o aparelho retornar ao ponto de partida não importando as condições climáticas. O pessoal em terra não teria a mesma facilidade, e Peregrino olhou em torno em busca de elementos de referência visual. Não confiaria nos dados fragmentados que conseguiam chegar ao seu computador.

Ramos aproximou-se dele, acompanhado do vulto alto de um homem na sua Kirkincho. Todos eram como bombeiros vagando em meio à fumaça castanha de um grande incêndio. Se não contassem com a luz do dia marciano, a visibilidade no meio da tempestade de areia seria igual a zero.

— Cadete Peregrino, este é o Cabo Gamache. Ele vai ficar com você o tempo todo. Não se afaste dele. — Peregrino e Gamache estavam no grupo de segurança, enquanto Ramos ia comandar o grupo de reconhecimento e contato. — Boa sorte,

garoto!

— Obrigado, Sargento.

Depois que Ramos, Gamache deu um encontrão em Peregrino e disse:

— Venha, bebezinho.

Peregrino e o grupo de segurança marcharam por mais de uma hora, às vezes caminhando de fato, às vezes deslizando sobre dunas e camadas de areia compactada, com as sapatas de areia fixas em suas botas. O seu corpo logo se cobriu de suor novamente, apesar da refrigeração da armadura, mas ele sabia que a bermuda de interface havia feito ao ajuste do sistema biométrico com a pele seca e não se desviava mais dos parâmetros.

O Cabo Gamache não escondia o seu desgosto por servir de babá ao cadete. Peregrino se concentrava no trabalho de orientação no terreno e de COPS. Os sinais vindos de órbita eram intermitentes, fragmentados e pouco confiáveis. Instinto e conhecimento prévio do terreno funcionavam melhor. Vez ou outra, Ramos se aproximava para conferir com ele se estavam no rumo certo ou se desvivam-se do seu destino. Os grupos de segurança e de reconhecimento se deslocavam muito próximos um do outro, para não perderem contato visual. Peregrino recorria mais à memória para definir onde estavam, a partir dos poucos elementos visuais e táteis de que dispunha. E foi pelo raspar das sapatas em pedra e não na areia que ele soube que estavam sobre a borda da cratera exumada.

Ele se moveu lateralmente algumas vezes, sendo acompanhado pelos palavrões de Gamache.

— Por que está dançando de um lado pr'o outro, moleque?

— Sargento Ramos — Peregrino chamou seguidamente, no canal correspondente. — Cadete Peregrino aqui. Estamos no objetivo.

Ramos aproximou-se, para melhor comunicação entre os dois. Ambos ignoraram Gamache.

— Tem certeza, Cadete? — Ramos perguntou.

— A cratera exumada com os depósitos de lítio tem borda do tipo muralha denteada. Nós estamos bem em cima desse terreno em que a rocha fundida no impacto aflora na areia como linhas espaçadas. — Fora justamente o vento canalizado pelo contato com a escarpa oriental do vulcão que havia revelado aos poucos a cratera meteórica. — A maior parte do lítio está depositada no fundo da cratera, entre quinhentos e oitocentos metros daqui da borda. Supondo que os veículos dos garimpeiros já estejam posicionados, é mais lá dentro que o senhor deve encontrá-los.

— Muito bem, garoto.

Ramos então dividiu o grupo de segurança em dois

segmentos, com um deles seguindo a borda da cratera pela esquerda, e o outro pela direita. Se o grupo de reconhecimento fizesse contato com os garimpeiros, eles deveriam cerrar sobre ele como reforço. Pulsos de rádio de alta intensidade seriam emitidos mais tarde, para marcar a posição de Ramos.

Peregrino e Gamache ficaram no segmento que iria pela esquerda. O cabo passou a comandar esse segmento. Eles avançavam sempre tendo a borda da cratera sob os seus pés, para garantir a coordenação radial entre os dois braços do grupo de segurança.

Algo incomodava Peregrino. Ele queria estar com Ramos e o grupo de contato, para confrontar os garimpeiros ilegais. Mais do que isso, porém, incomodava-o o modo como adversário havia planejado com tanta eficiência a reunião dos seus recursos e todos os passos até ali, sincronizando seu avanço com o da tempestade, fintando a intenção de abordar os depósitos minerais mais ao norte, dificultando a sua detecção com IEM. Uma eficiência quase *militar*.

As sapatas em suas botas detectaram algo estranho sob seus pés. Peregrino pediu a Gamache que detivesse o deslocamento, e curvou-se. Deu as costas para o interior da cratera, e acendeu a lanterna embutida no peito da sua Kirkincho K-1. Quase no mesmo instante, sentiu um tranco que o jogou de lado contra o solo.

— Apague isso e se levante! — ouviu. A voz de Gamache.

Ele obedeceu, mas só parcialmente. Não se levantou, mas, acorado, apontou o que havia encontrado.

— Veja, Cabo. São rastros de pneumáticos com ranhuras de tração. Recentes. A areia da tempestade não teve tempo de cobrir.

Nesse instante, um relâmpago revelou a extensão dos rastros.

— E daí? — Gamache rosou. — Os veículos passaram por aqui quando chegaram...

— Não! Eles estão aqui há mais tempo. O vento já teria apagado as marcas. E a orientação das ranhuras indica que estavam *saindo* da cratera. Um veículo só, daqueles três. Foi ganhar o terreno mais aberto, à nossa esquerda, pra um deslocamento mais rápido. Está indo na direção de onde viemos, pra onde a lancha está pousada.

— Você não pode dizer tudo isso só por essas marcas no chão.

— Cabo Gamache, a lancha pode estar em perigo. Pode ter sido detectada quando fez o sobrevoo! Eles deduziram a manobra automática de trezentos e sessenta graus, e um dos veículos foi enviado pra fazer contato hostil.

Gamache riu.

— Garimpeiros contra uma lancha de transporte — zom-

bou da ideia. — O que você está querendo aprontar, moleque? Quer ser o herói da operação? Estamos perdendo tempo, e temos as nossas ordens. De pé!

Gamache puxou Peregrino pelo braço até levantá-lo, e o empurrou para que se juntasse aos outros.

— Você poderia me enviar até o ponto de encontro com mais um elemento do grupo, Cabo. Só por garantia.

— Cale a boca! — Gamache ordenou. — Você não dá ordens aqui, moleque.

— 3 —

Peregrino esperou que o irritado Gamache se afastasse um pouco dele. O cabo não parecia ter a menor disposição para obedecer ao comando de Ramos de não sair do seu lado. Tinha outras preocupações, agora que comandava um dos segmentos do grupo de segurança. Devagar, Peregrino afastou-se lateralmente dos outros, depois deixou que eles se adiantassem mais, e então apagou a luz de orientação da armadura. Deu meia-volta.

A sua corrida até o ponto de encontro foi acelerada. Usou o modo autopropulsado da Kirkincho para cobrir o terreno alternando saltos cegos com um deslizar derrapante, mais rápido e vigoroso das sapatas. Mantinha a trilha retilínea do veículo sobre rodas como referência.

Quando estava longe o bastante e certo de que não era seguido, fez uma comunicação dirigida a Ramos, na frequência exclusiva do sargento. Informou o que fazia, sem mencionar o Cabo Gamache. De início, não obteve resposta. O canal era dominado pela estática. Repetiu a mensagem várias vezes. Apenas uma vez, ouviu a voz de Ramos, entrecortada e chiante:

— Cadete Pe... tzk... no... tzzk.

Depois disso, ele concentrou-se no canal do comando na lancha. Informou a Tenente Carrero de que um dos veículos rumava para ela. Repetia a mensagem seguidamente. Não recebeu o menor chiado ou estalido em resposta. Ficou claro para ele que o veículo abafava as comunicações com o seu equipamento de IEM. Torceu para que seus tripulantes não tivessem interceptado as suas mensagens para Carrero.

O Cabo Gamache podia supor que os garimpeiros não eram páreo para o aparelho de transporte, mas era uma lancha *desarmada*, modelo Moura-Argel T-11 despreparada para o confronto se não decolasse imediatamente ou se não tivesse um grupo de soldados para defendê-la. Ele forçou a memória para se lembrar de quem teria ficado com Carrero no veículo. O piloto e aquele terceiro sargento, talvez mais um soldado...

Peregrino refletiu sobre a Freedom Frontier. “Muita água já inundou estes campos” como a mãe dele costumava dizer, a

partir da visão das cheias do Pantanal. A água vinha e virava tudo, era a marca da mudança. Mas tudo também persistia ali, esperando apenas a cheia retroceder — a vegetação rasteira, a areia no fundo. Depois das catástrofes ecológicas que a Terra sofreu no século XXI, e depois de todos os contatos com civilizações alienígenas demonstrarem a falácia das antigas ideias da primazia humana sobre a Criação, parecia errado que conceitos de liberdade econômica e individual pudessem se sobrepor aos de preservação e equilíbrio. Mas era isso: todos os vícios, todas as ideias errôneas e limitadas, todos os hábitos desastrosos ainda estavam sob as águas da mudança, esperando a chance de retornar fosse nos campos da economia e da política, fosse nos da religião ou da cultura e dos costumes.

Pensou então sobre as formas de vida extremófilas vivendo nos subterrâneos de Olympus Mons, onde a pressão e o calor geotérmico criavam as condições para a água líquida e para o emprego de enxofre e outros elementos associados a vulcanismo, na geração da energia de que necessitavam. Viviam imutáveis ali desde o Hesperiano Posterior, há bilhões de anos... Bilhões de anos sem saber que precisavam ser protegidos de abstrações criadas por seres mais complexos, vindos de um outro planeta que eles já havia agredido e comprometido quase a um ponto irrecuperável.

Peregrino deteve o seu avanço. Havia algo adiante. Relâmpagos distantes delinearão uma sombra de forma artificial, surgindo indistinta por entre as cortinas de poeira sopradas pela tempestade. E luzes, ele via agora. Avançou mais um pouco. Eram luzes de navegação, fixas, claras, brilhando amareladas na poeira.

A partir desse ponto, Peregrino praticamente rastejou na direção do veículo. Tinha a carabina de alta energia nas mãos. Aos poucos, distinguiu mais do que os três pares de rodas que eram a norma no planeta sem estradas, para galgar dunas, trincheiras e rochas espalhadas no caminho. Era um veículo enorme, de dimensões proibidas em Marte.

Viu também a uma grande estrutura montada no alto, meio circular, meio abaulada. Seu revestimento no topo balançava com a ventania. Talvez fosse feito de algum material que absorvia o radar do sensoriamento remoto ou aéreo, como costumava acontecer com a superfície arenosa de Marte... E as luzes claras acesas... Neste ponto, eles não se importavam com a furtividade. Queriam ser vistos. A lancha devia estar perto, talvez estivessem se comunicando.

Aproximou-se mais. Olhou para além do veículo, buscando o vulto alongado da lancha de transporte. A tempestade era uma fantasmagoria de formas avermelhadas, ocres e cinzentas no alto, onde o sol brilhava quase a pino. Nesse instante, Peregrino viu um novo brilho, intenso, ritmado, rasgar a nebulosidade da tormenta. Adiante dele, uma sucessão de explosões rubro-amareladas colorindo as cortinas de poeira com tons que os relâmpagos eletrostáticos não produziam. Sua visada traçou uma linha entre a posição dessa rajada de

luzes, e o veículo sobre rodas. Notou então os pares de rastros na areia.

Dois veículos menores. Baixados do veículo maior.

Sem hesitar mais, Peregrino mudou a força de autopropulsão da sua armadura e saltou uma, duas, três vezes cobrindo a distância em pulos de seis ou sete metros de extensão, pousando com os sistemas amortecedores das botas e dos joelhos da Kirkincho absorvendo a maior parte do impacto. Passou pelo veículo sem se importar se seria observado pelos tripulantes.

No quarto pouso, passou a correr e não saltar. A poeira abriu-se momentaneamente para revelar os dois veículos menores, parados lado a lado. Quadriciclos abertos, para todo terreno, com um bagageiro grande e algo montado lateralmente neles.

Com a carabina enristada e o seletor marcando o TIRO ANTICARRO, Peregrino avançou até reconhecer três pessoas em pé ao lado deles. Logo entendeu: eram dois condutores e um artilheiro-muniador. O veículo mais distante, à direita, disparava uma nova salva de foguetes. Perturbada por eles, a dinâmica elétrica da tempestade produziu uma rede de relâmpagos unindo inofensivamente todas as figuras na cena.

Peregrino atirou no segundo veículo primeiro.

O dedo no gatilho produziu um *laser* marcador verde, mal visível por entre as partículas sopradas pelo vento. O puxar do gatilho transformou esse raio em um feixe de energia brilhante, que mandou o veículo pelos ares.

Os foguetes que estavam sendo lançados ricochetearam no solo levantando as próprias nuvens amareladas de poeira.

O segundo disparo atingiu o veículo mais próximo. A explosão foi discreta — não havia explosivos nos seu lançadores, mas a corcoveada que o quadriciclo deu jogou motorista e o muniador longe. Peregrino aproximou-se de um deles, iluminando-o com a lanterna da armadura. O homem também vestia um traje blindado, aparentemente sem sistema multiplicador de força. Estava caído de costas e parecia atordoado. Peregrino não viu armas manuais.

Voltou a carabina para trás, mirando o vulto escuro de faróis e luzes de navegação acesas. Talvez o seu objetivo fosse justamente assinalar sua posição para os atiradores. Peregrino disparou seguidamente, até que as luzes se apagassem. A carabina vibrava em suas mãos. Os faróis recuaram, antes de se apagarem. Ele tinha certeza de que havia atingido o veículo. Disparou até descarregar o magazine de energia.

Saltou para longe, movendo-se na direção da lancha. No segundo pouso, ajoelhou-se e selecionou o canal do comando.

— Cadete Peregrino aqui — disse, enquanto recarregava a carabina. — Comando, responda!

— Cadete? — ouviu. A voz de Carrero. Claramente,

quando ele atingiu o veículo maior, parte da interferência eletromagnética sobre as comunicações caíra. — Cadete, onde você está?

— A poucos metros de vocês. Estou me aproximando com a lanterna da armadura acesa. Estou sozinho. Não atirem em mim. Tenente Carrero, confirme.

Depois de um segundo de hesitação:

— Você se aproxima sozinho, lanterna da armadura acesa. Não vamos atirar em você, não se preocupe.

— Você está bem, Tenente? — Ele levantou-se e partiu, deslizando pela areia. Só então lembrou-se de acionar o escudo de energia da Kirkincho. — Quem está com você?

— O piloto Ferreira e o Sargento Margulis. Estamos todos bem. Os disparos atingiram a popa e a meia nau da lancha. Ferreira ejetou a cabine, e nós rolamos pra longe. Perdemos a antena principal com isso... Margulis machucou a cabeça quando a cabine rolou, mas está bem. Estamos no exterior, protegidos atrás da cabine. Como é que você está sozinho, e qual é o status dos agressores?

— Eram dois quadriciclos com lançadores de foguetes improvisados, três operadores. Os quadriciclos estão destruídos, o veículo principal avariado e recuando. Ele conduziu o ataque sozinho. Os outros dois devem estar na cratera.

— Eu não entendo...

— Estou me aproximando da cabine, não atirem.

Ele já superava o vulto destroçado da fuselagem da lancha de transporte. Pelo estrago, a carga explosiva dos foguetes não eram muito poderosa, mas os impactos múltiplos haviam inutilizado a nave.

— Temos o visual da sua lanterna — Carrero disse. — É claro que não vamos atirar em você! Pare de dizer isso.

Dentro do capacete, Peregrino sorriu ferozmente. Logo ele enxergava o vulto robusto da Tenente Carrero, também com as luzes da sua Kirkincho acesas. Ele acenou, e ela levantou a mão direita em resposta. Um gesto quase tímido. Peregrino chegou junto a ela e disse:

— É bom formarem uma linha pra avançar até a posição dos veículos lançadores. Há três sujeitos lá, pra serem feitos prisioneiros. Eu vou na frente.

— Está bem — ela disse. E em seguida: — Mas não são só eles que vão ter que dar explicações, Cadete.

— Sim, Tenente.

Quando o piloto e o sargento se uniram a ela, Peregrino lhes deu as costas e se pôs em movimento.

— Nunca fiquei tão feliz em ver alguém... — a voz murmurada de Carrero soou em seus *headphones*.

Ele abriu mais um sorriso.

— 4 —

O Sargento Ramos se aproximou de Peregrino acompanhado do Cabo Gamache.

— O garoto vermelho do Planeta Vermelho...

— Sargento Ramos.

— Bom saber que você não se perdeu completamente — Ramos ironizou. — Enviamos um grupo à sua procura. O que está fazendo aqui? Eu não entendi nada da sua mensagem de quando se afastou...

— Estou obedecendo à ordem da Tenente Carrero de conduzir o seu pessoal até o ponto de encontro. — Tudo o que ele havia comunicado enquanto vindo do grupamento na cratera exumada foi que estava se aproximando com uma mensagem da oficial comandante. Ele se absteve de corrigir Ramos quanto a sua suposição de que ele tivesse “se perdido”. — Tenho uma gravação dela pra você. Pronto pra receber a transmissão?

— Eu não sabia que você era bom assim em obedecer ordens. Espere um pouco aí — ele disse, mexendo nos controles de comunicação, e entendo a mão para apanhar o plugue com o cabo que o ligaria à armadura de Peregrino. E então: — Por que não vai direto ao assunto e conta qual é o conteúdo da mensagem?

— Não sei qual é. A Tenente Carrero baixou a mensagem direto na opção de saída do protocolo de transmissão do meu comunicador.

— Está bem. Transmita, então.

Ramos ouviu tudo por um bom tempo. A mensagem devia ser grande. A certa altura, ele deixou de olhar para Peregrino para dirigir os olhos a Gamache.

No *rendez-vous*, os três prisioneiros feitos por Carrero tinham sido conduzidos até a cabine ejetada da lancha, com os punhos presos por algemas flexíveis. Os três mancavam, e dois deles tiveram microvazamentos em suas armaduras leves, causados por estilhaços. Precisaram receber reparos com seladores. Por sorte seus trajes não haviam sofrido uma descompressão total. Um dos motoristas de quadriciclo era uma mulher. Quando foi detida, tentava cambalear para longe dos destroços do seu veículo. Carrero colocara Ferreira e Margulis para vigiá-los, e ela e Peregrino seguiram os rastros do veículo de superfície, registrando os restos de metal caídos na areia — inclusive parte do eixo de tração do conjunto dianteiro, resultantes dos disparos anticarro.

— Esse não vai longe — Carrero havia sentenciado.

Na volta, ela exigiu um relatório completo. Por que ele ha-

via retornado sozinho? A contragosto, Peregrino foi forçado a narrar como tinha contornado o Cabo Gamache.

Carrero reagira com silêncio, e agora ficava claro a ele que ela não fora tão lacônica na mensagem dirigida ao Sargento Ramos.

— Gamache — Ramos disse —, reúna os prisioneiros e chame toda a tropa pra cá. Nós vamos marchar até o ponto de encontro. É lá que teremos a melhor chance de extração deste lugar. E quero que você destrua aquelas antenas pessoalmente. Não aguento mais essa maldita interferência eletromagnética. Precisamos pedir ajuda pra dar o fora daqui.

— E quanto a ele? — Gamache perguntou, apontado para Peregrino.

— Saía da minha frente, Gamache! — Ramos ordenou.

Depois que o cabo partiu, o sargento voltou-se outra vez para o cadete.

— Nenhum desses vagabundos aceitou informar como se desliga essa porcaria. Por mim eu explodia tudo, mas o Escritório de Controle Ambiental não ia gostar, e com certeza o comando vai querer fazer uma perícia no veículo e identificar quem são esses caras. — Fez uma pausa. — Carrero explicou a sua teoria da Freedom Frontier. Prendemos cinco caras nesse veículo. São disciplinados, bem providos de recursos técnicos e sabem agir em coordenação, como você deixou claro. Pode bem estar certo.

— E o terceiro veículo, Sargento?

— Conseguiu evadir-se — Ramos narrou. — O outro já havia iniciado a perfuração. Nós destruímos a perfuratriz e os pneumáticos. O Controle Ambiental não vai gostar nada de ver tanto lixo espalhado por aqui, mas ia gostar menos ainda se eles saíssem com o lítio. Vamos dar o alerta do veículo evadido assim que a interferência for interrompida ou minimizada. Pode ser que escapem, mas com o que você conseguiu no ponto de encontro e o que nós conseguimos aqui, acho que vão acabar presos. Meu palpite é que saíram da operação mineradora que a Aliança tem do outro lado de Tharsis Montes. É autorizada, e eles devem ter fábricas automáticas capazes de produzir veículos e equipamentos complexos como esses aí. Não sei quanto aos explosivos, mas tudo é possível. — Ele fez uma pausa, e então disse: — Então você precisou mesmo usar a carabina.

Peregrino não disse nada. Era duro imaginar que os criminosos pudessem ter apoio nessa escala, para a sua agressão.

— Quantos anos você tem, garoto? — Ramos perguntou, de repente.

— Dezenove, sargento — Peregrino disse.

— Dezenove...

A tempestade de areia não dava sinais de amainar. Peregrino estava exausto, mas a demora maior foi causada por alguns dos cinco prisioneiros, que não tinham sapatas de areia. Em momento algum, a sua habilidade de orientação no terreno o traiu.

Quando chegaram ao ponto de encontro, Carrero mandou cavarem o terreno e estabilizarem as trincheiras abertas junto à lancha bombardeada, com um cimento de efeito temporário, produzido com a própria areia marciana. A carcaça da lancha servia de quebra vento. Soldados e prisioneiros se enfiaram lá, à espera do resgate. Carrero, porém, enviou Peregrino à cabine ejetada, onde ele prontamente se prostrou, despertando apenas quando as lanchas de resgate chegaram.

Era noite em Marte.

Cedo, no primeiro dia de aula após o fim de semana, Helena Borguese e Jonas Peregrino viram-se em pé diante da mesa da Diretora da AMOM, a Vice-Almirante Morgana Geber, os dois em posição de sentido e olhando fixo para o vazio.

— Descansar — Geber ordenou, e eles afastaram os pés e cruzaram as mãos nas costas. — Vocês dois estão aqui para terem conhecimento de algumas providências que tomamos, quanto ao seu comportamento durante o fim de semana.

“Foi determinado que a ação dos garimpeiros ilegais tem por trás a entidade militante conhecida como Freedom Frontier. Com alguma confiança, também se determinou que a intenção deles era se apoderar de uma quantidade substancial de lítio para emprego na produção desautorizada de armamentos nucleares. A direção da academia e do Primeiro DFE acredita que esse caso deve confirmar a situação da Freedom Frontier como uma organização terrorista. Tendo isso em mente, foi determinado que todos os envolvidos devem tratar tudo a respeito do caso como segredo. A academia pode ser alvo de represálias desses terroristas, se for revelado que seus cadetes e a sua guarda de segurança é que detiveram a garimpagem ilegal. Aqui estão alguns papéis para vocês dois assinarem, deixando claro que entenderam o que acabei de dizer.”

Peregrino passou os olhos no documento, e o assinou. Borguese levou um pouco mais de tempo.

— Há ainda a questão da demora no resgate das tropas e do nosso cadete, depois que o veículo de transporte foi inutilizado — Geber disse. — Como elemento de ligação, a Cadete Sênior Helena Borguese deveria ter acionado o grupo de resgate com maior antecipação. Esse é o meu entendimento, e a diretoria deveria investigar o comportamento da cadete, instituindo uma comissão para isso. Mas a necessidade de não franquear o conhecimento dos fatos a mais pessoas não vai permitir. Então a cadete está livre de punições ou de uma admoestação futura. O Cadete Jonas Peregrino deve igualmente se abster de tocar nesse assunto, no futuro, com a Cadete

Sênior Helena Borguese ou com terceiros.

“Infelizmente, a necessidade de segredo também nos impede de elogiar publicamente o papel do Cadete Peregrino na captura dos criminosos em questão e na prevenção de baixas entre as tropas do Segundo Pelotão da Primeira Companhia da Destacamento da Guarda Especial de Marte, conforme esclarecimentos da Segundo Tenente Leticia Svarovskaya Carrero. Eu, porém, considero o comportamento do cadete motivo de orgulho para esta instituição.”

Quando Peregrino deixou o gabinete de Geber, encontrou a Tenente Carrero ocupando um assento duplo na antessala, vestindo o uniforme de passeio e lendo um livro de papel. Quando o viu, ela sorriu e levantou-se. Cheirava a sabão líquido, devia estar no banheiro quando ele e Borguese se apresentaram.

— Correu tudo bem lá dentro? — ela perguntou, olhando-o firme nos olhos.

— Graças a você, Tenente Carrero.

Tudo bem para ele, que secretamente lamentava a repreensão que Helena Borguese havia sofrido. O silêncio entre o grupo de comando liderado por Carrero, os analistas e oficiais que acompanhavam a operação nas instalações da 1ª Companhia, e Borguese na sala de comunicações da AMOM talvez não fosse tão grande para justificar que ela desse o alarme e exigisse o envio de um grupo de busca.

Diante dele, Carrero assentiu lentamente com a cabeça e lhe estendeu a mão.

— Leticia.

— Jonas — ele disse, ao apertá-la.

Ela segurou sua mão na sua, por um bom tempo. Era muito forte, de aperto firme mas sem esmagar seus dedos.

— Quero tomar um café com você na cantina, Jonas.

— Melhor na cafeteria do observatório. O café não é melhor, mas a vista vale a pena.

— Claro.

Quando Leticia e Peregrino se sentaram em uma das mesas perto dos janelões que davam para o paredão escuro da escarpa de Olympus Mons, ele não tirou os olhos dela. A mulher olhou pelas janelas. A tempestade global ainda rugia lá fora. A Olympus Rupes Sul mal era visível por trás das cortinas nebulosas de areia, e não havia chance de verem o pico formado pela borda da caldeira.

— Você disse que a vista aqui valia a pena! — Leticia exclamou.

— E não menti — ele respondeu, ainda com os olhos nela.

— Aqui é mais tranquilo.

— Entendi — ela disse, baixando os olhos e corando um pouco.

Um segundo depois, um relâmpago marciano abençoou os dois. No tampo da mesa, o cardápio brilhou na *touch screen*. Eles fizeram os seus pedidos.

— Eu soube que a academia vai manter tudo sob segredo — Carrero disse. — Quer dizer que você não vai receber o reconhecimento que merece?

— Quer dizer que tudo o que diz respeito à participação da academia no bloqueio das ações dos garimpeiros e na captura deles não pode ser discutido. Mas eu espero que o seu desempenho seja elogiado, Letícia, mesmo com o segredo e tudo isso.

— A recomendação do comandante da companhia nesse sentido já foi encaminhada, dentro do caráter secreto de tudo — ela disse. — Vai ficar bem na minha ficha... graças a você.

Peregrino foi pego de surpresa. Ele não tinha enxergado a coisa desse jeito. Na sua cabeça, ela é que o tinha tirado de uma enrascada com Geber e a Diretoria.

— Fico muito feliz, Letícia. Mas não podemos conversar sobre o ocorrido.

— O Sargento Ramos também vai receber uma boa avaliação — ela disse, sem dar bola para o alerta dele. — Eu a encaminhei hoje, antes de vir pra cá, conversar com a diretora. Junto com uma admoestação oficial contra o Cabo Pablo Gamache.

Ele não fez comentários, embora o destino futuro de Gamache não lhe despertasse um traço da preocupação que sentia quanto ao futuro da sua colega Borguese.

— Ramos acha que o terceiro veículo — Letícia disse —, o que se evadiu quando os garimpeiros foram abordados, pretendia distanciar-se, desembarcar lançadores de foguetes, e contra-atacar. Mas provavelmente desistiram quando souberam que os colegas que nos atacaram na lancha se deram mal. Então provavelmente você salvou alguns dos soldados de Ramos também.

Peregrino assentiu lentamente com a cabeça.

— Difícil dizer, eu acho, até que os prisioneiros contem alguma coisa.

— Um alerta foi dado contra o terceiro veículo — Letícia insistiu. — Esperamos que as autoridades da Aliança os peguem em breve.

Peregrino não disse nada. Ele gostaria de conhecer a história inteira, mas não dependia mais dele.

— Você tem namorada aqui na AMOM? — Carrero perguntou, no seu silêncio e indo direto ao ponto antes que o café e os salgadinhos com os necessários sais minerais da Terra chegassem.

— Não — ele disse, quase deixando escapar o riso. — O regulamento e o código do corpo de alunos não permite. Mas só proíbe o relacionamento entre *alunos* — apressou-se a emendar.

Letícia olhou rapidamente em torno.

— Eu gostaria de ir com você a Nueva Esperanza pra passarmos o próximo fim de semana juntos — disse. E então: — Além da recomendação ganhei uma folga extra como reconhecimento pelo sucesso da missão, e nada mais justo que dividir isso com você. Uma banda de jazz vinda de Nozomi vai se apresentar lá... Tenho certeza de que... Bem, de que vamos nos divertir muito.

Peregrino apenas devolveu o seu olhar. O instante de hesitação feminina meio que revelou aos seus olhos toda a beleza dos traços de Letícia Carrero. O brilho em suas pupilas apresentou-lhe promessas que iam muito além de dois dias de entretenimento musical em Nueva Esperanza.

— Você já esteve com uma mulher ciberaumentada? — ela perguntou, quase num cochicho. — Eu prometo que você nunca mais...

Ele envolveu a mão dela na sua. O gesto claramente a surpreendeu. Sua mão forte pareceu tímida, expectante, na dele.

— Apenas prometa que vai ser gentil comigo — Peregrino disse, em um tom ainda mais baixo. — E terei muito prazer em ir com você e criar junto lembranças boas de se guardar. Citações oficiais e missões bem-sucedidas são importantes, mas vamos construir alguma coisa que não dê pra dividir com ninguém, só nós dois.

A PENEIRA

Rafael F. Faiani



W789 era o código dela.

Não tínhamos nome ali na Fábrica, até isso de nós foi tirado. Toda vez, no mesmo horário, eu a observava atravessando o corredor do segundo andar, enquanto seguia a linha verde, sua linha-guia. A maior parte do tempo eu ficava no piso inferior, executando minhas ordens que apareciam nas telas de cristal líquido, evitando cometer qualquer deslize para não ser punido pelos platinados. Quase no final do expediente, as nossas linhas se aproximavam e era nessa hora que nos víamos de perto. Havia sempre um reconhecimento, apesar de não ousarmos emitir qualquer som; as câmeras fiscalizavam os movimentos e qualquer sinal de comunicação. Os olhos dela não traziam a obediência cega assinalada nos outros, havia um resquício de revolta, um fogo que ardia dentro de si.

Antes da Fábrica, houve a Triagem. Lembro-me bem dos vídeos de orientação. Foi como se tivesse nascido naquele momento, pois não havia nada na memória antes daquilo. A Triagem aparou bem as arestas e deixou clara que a insubordinação não era tolerada. Quando dormia, nas seis horas permitidas, sonhava com borrões de outra vida e tentava resgatar meu nome em vão. Sim, de certo havia outra vida, mas parecia que praticamente ninguém havia despertado para essa compreensão.

A Fábrica funcionava em turnos de dezoito horas, sendo

que se alimentar e ir ao banheiro eram partes das tarefas impostas. Em alguns pontos cegos, como no canto do refeitório ou no corredor que levava aos chuveiros, fazia gestos para me comunicar. Em raras ocasiões, recebia alguma resposta. Perdi a disposição de qualquer contato ao notar que as pessoas com quem me comunicava simplesmente desapareciam da Fábrica ou iam para setores bem distantes onde não teria mais acesso a elas.

Estava preso a amarras invisíveis. Não poderia sair do meu setor e da minha linha-guia. Os dias eram todos iguais e foi num dia qualquer que tomei uma decisão. Falei com W789 aos nos aproximarmos no final do turno.

— Você... — Minha voz saiu estranha devido a falta de uso. — Você também quer fugir daqui?

Ela arregalou os olhos de medo. Silêncio era uma das regras que jamais deveria ser quebrada. Só havia o murmurar das máquinas da Fábrica, nada mais. Foi quando os platinados saíram de portas, escondidas por paredes lisas e vieram ao meu encontro. W789 piscou para mim em resposta e compreendi que a chama da revolta estava lá, mais acesa que nunca. Confirmar aquilo valeria qualquer punição. Eles me puxaram em direção a abertura das paredes. Para o meu terror pegaram W789 também.

— Deixem-na! — gritei. — Ela não teve culpa.

Fiquei em uma sala escura por dois dias. Sem refeição. No chão duro e frio, assistindo vídeos de orientação. Não sabia se para outras pessoas a punição era efetiva e inibia qualquer reação contra as regras, mas para mim inflamou ainda mais meu senso de revolta. Ao retornar para a linha de produção, não encontrei mais W789. Esperava que ela estivesse nos andares superiores, então conforme os dias se passavam fui estudando cada ângulo de observação a sua procura, ousava até caminhar pela linha azul em pontos diferentes, fazendo tarefas adicionais. Talvez, dessa forma, passasse a impressão que eu estava tentando me redimir.

Em um dia específico, fui pego de surpresa com a mensagem na tela para eu mudar de linha. Subi para o quinto andar e comecei a executar funções da linha-guia amarela. Eram tarefas mais elaboradas, que exigia maior concentração. Além das câmeras, drones e platinados nos vigiavam de perto. Havia poucos trabalhadores ali, não mais que vinte. Não sabia o que pensar. Se aquele seria algum tipo de recompensa pela primazia dos serviços executados ou uma forma de redobrar a vigilância. Naquele setor não teria como olhar para os lados sem chamar a atenção. No final do turno, recebi a ordem de seguir até o final da linha-guia. Uma porta se abriu e um platinado fez sinal para que eu entrasse. Ao retirar a máscara, me deparei com um rosto mais jovem do que eu esperava.

— Você estava certo, Ricardo.

Fiquei absorto. Abri a boca, mas reprimi a intenção de me comunicar.

— Aqui você está liberado para falar.

— Ricardo? Esse... Esse é meu nome? Você me conhece?

— É claro que sim.

— Onde está a W789?

— Todas as perguntas terão uma resposta. Tenha paciência.

— Quem é você? — insisti em perguntar.

— Suas ordens foram bem específicas. Se você realizasse determinadas ações, teria que ser retirado.

— Do que está falando?

— Do experimento, é óbvio. Bom, vamos restabelecer a sua memória. Daí tudo fará sentido.

A reunião começaria em breve.

Repassava mentalmente os tópicos a serem abordados. Com o experimento, os rebelados não passariam mais despercebidos, seria mais fácil identificá-los. Minhas recordações da Fábrica foram mantidas, era essencial para um entendimento completo. Mais de uma vez, me peguei com os dedos sobre o teclado, hesitando em digitar os comandos para dar um fim e erradicar a pasta chave do projeto. Precisei colocar uma trava

de segurança adicional para impedir algum ato impensado. O fato era que se eu não entregasse o que eles pediam, outra pessoa entregaria. Pelo menos assim, eu ainda teria as rédeas da situação.

— Senhor? Cinco minutos — a voz veio pelo intercomunicador.

Observei as câmeras da estufa. No início acreditava que o experimento seria a melhor solução, mas agora não estava mais convicto. O homem não era uma máquina e tratá-lo como uma, tentar moldar o barro novamente e formar um novo produto para a sociedade perfeita estava errado. Só atingi essa percepção ao vivenciar a experiência. Não havia perfeição na humanidade. As emoções não permitiam. Éramos apenas produtos de nossas escolhas e retirar o livre arbítrio, colapsaria o que ainda nos restava.

— Dois minutos.

Acessei a pasta chave do projeto chamado Peneira. Literalmente separaríamos o joio do trigo. Havia deixado 10% de tolerância, mas aumentei para 30%. A faixa de corte diminuiria, o que daria uma chance maior aos residentes na Fábrica. Obviamente, aquilo era apenas uma simulação, mas quem reprovasse ali, com certeza seria reprovado numa reincidência, ou mesmo já seria considerado um refugio. Não havia como saber. Disponibilizaríamos os resultados do teste, mas o destino de todos escaparia de minhas mãos.

— Senhor? Eles chegaram.

— Quantos dias faltam para terminar a simulação?

— Três dias — respondi sob o olhar de todos na sala. Os que estavam ali faziam parte da Cúpula, a Nova Ordem criada.

— Perfeito. Zeus estará pronto para ser implementado assim que obtivermos a liberação da verba.

Imaginei um mundo em que todos estariam sob a fiscalização de uma inteligência artificial. Não haveria mais sentimento, apenas a frieza dos cálculos de uma máquina.

— Resultados promissores — o representante do governo falou, analisando os dados disponíveis. — O sistema de pontuação é bem específico. Até agora foram identificados 52 refugos, sendo que 5 estão na faixa de transição. 1 morte dentre os 999 residentes. Código W789. Pode me explicar o que aconteceu?

— Parada cardíaca.

— Mas diz aqui que ela só tinha 34 anos.

— Totalmente fora de padrão. Não havia como prever.

— Entendo. Sem problema. Ela estava enquadrada como refugio mesmo.

Aquela frieza me deu arrepios. Pessoas tratadas como estatísticas. O futuro da humanidade trilhava um caminho perigoso. Receava que sem volta.

Havia 77 fábricas espalhadas pelos países unificados. A incursão na Fábrica era obrigatória a todos e sujeito a nova estadia caso houvesse faltas disciplinares dentro da sociedade. Após dois anos da ativação do Zeus, as primeiras rebeliões começaram. Tinha plena consciência que criara uma bola de neve ao aplicar alta tolerância nos testes.

Insatisfeita, a Cúpula solicitou que a tolerância nas fábricas fosse inferior a 5%, o que elevaria o número de refugos. O sistema estava desmoronando. Os refugos viviam em campos de concentração, submetidos a algum outro processo de controle. O que aconteceria com uma lotação nesses campos? Extermínio em massa?

A lua de sangue no céu parecia um sinal de que tudo acabaria. Tomei coragem e cancelei as travas de segurança no código. Ensaiei o momento inúmeras vezes. Desativei a Inteligência Artificial denominada Zeus e excluí as linhas de execução do Projeto Peneira. As fábricas pararam de funcionar. Dei a entender que a Cúpula estava no comando da

programação, mas não estava.

Fui até a estufa.

Sandra me esperava, enquanto regava as orquídeas.

As explosões haviam recomeçado. Eram os rebelados. Não aqueles que estavam nos campos de concentração, mas os que foram aprovados pelas fábricas.

— Acho que sou culpado pelo que está acontecendo.

— Não se recrimine. Você deu uma chance a todos.

Olhei para seu rosto e voltei naquele tempo em que nos víamos de longe, sem entender onde estávamos, seguindo rotinas para avaliar o risco que representaríamos para o novo sistema.

— Estamos seguros aqui. Ninguém conhece esse lugar. Está com medo? — perguntei.

— Não mais.

Ela me abraçou. Aquele não era o mundo que sonhávamos; na verdade, estava muito longe disso. Mas era um recomeço.

Para o bem ou para o mal, era um recomeço.



DIA DE VISITA

Gilson Cunha

Fortaleza fantasma, Não-verso, data desconhecida.

Ei, tem transmissão entrando! — Disse Otávio. Ele sempre ficava animado com esse tipo de coisa.

— Instantinho. Deixa eu terminar o mate. — disse Alfredo.

— E se for importante?

— Sempre é importante. Abre aí — disse Alfredo.

O rapaz ainda estava aprendendo a controlar os painéis da sala de controle daquela instalação. Dois anos antes, se dissessem a ele que um dia dispositivos eletrônicos seriam controlados por telas de toque ele riria de seus interlocutores. E não podia ser diferente, dado que ele nasceu em 1943, quando tela era só um tecido bem fininho colocado nas janelas para evitar mosquitos, ou um nome chique usado para pinturas. Mas ele aprendia rápido.

A enorme tela diante deles se iluminou e nela era possível ver a manchete da edição holográfica do The New York Times de três de abril de 2050:

ENCONTRADA EVIDÊNCIA INCONTESTÁVEL DE VIDA EM MARTE.

JPL-Pasadena, Califórnia.

“O consórcio internacional responsável pela operação do Mars Orbiter-50 revelou hoje imagens do que parece ser um veículo e duas formas humanoides na superfície de Marte, próximo de uma das extremidades do Vale Marineris. As fotos foram obtidas na semana passada, mas só foram liberadas após extensa análise e verificação independente por seis diferentes equipes internacionais. Visto de cima o veículo guarda uma estranha semelhança com um antigo modelo utilitário da Volkswagen. É possível que se trate de uma pequena nave de desembarque, com autonomia limitada à órbita. Após uma nova passagem sobre a região, fotos recentes do Mars Orbiter 50 não registraram qualquer traço do veículo ou de seus ocupantes. O conselho de segurança planetário decidiu mandar um membro da base semipermanente dos Estados Unidos da América investigar pessoalmente o local. A Volkswagen se recusou a comentar o incidente.”

— Ah, para! — Disse Otávio.

— Ah, para? Isso é tudo que tens a dizer guri?

Ele detestava ser chamado de guri, principalmente depois de ter descoberto que tinha, na verdade, quase quarenta mil anos de idade. Mas essa é outra história.

— Do jeito que está até parece que é minha culpa isso daí...

— E não é? Fomos parar naquele buraco para esconder aquele doido, antes que o pegassem e o impedissem de cumprir seu papel história.

— Pichar a cidade inteira com o nome dele?

— Isso também. Mas tudo o que eu precisava era de que tu ficasses de olho nele, só por meia-hora. Mas não. Tinhas que deixar o cara zanzando, tempo o bastante para pichar o próprio nome naquele lugar?

— Pichação tem em todo o lado. — Disse o rapaz.

— Não tem não. Não em Marte, no tempo em que ele era habitável e, na Terra, sequer havia vida multicelular.

— Eu não tenho culpa. Foste tu quem se esqueceu de ligar o dispositivo de camuflagem. — Disse Otávio.

— “Eu não tenho culpa. Foste tu que se esqueceste de ligar o dispositivo de camuflagem.” — Disse Alfredo, arremedando o rapaz com uma careta de desdém. — Não é capaz de cuidar de uma camuflagem bem mequetrefe e ainda quer pilotar a Cremilda? *Vai te deitar, vinagre.* Foi por tua causa que a gente teve que voltar lá, procurando por uma pichação num muro de quase três bilhões de anos. E o pior é que ela ainda está lá, em algum lugar debaixo de toda aquela areia.

— E agora? Como é que a gente sai dessa? — Indagou o rapaz.

— Podemos voltar a 2050 e avisar a nós mesmos para não fazer isso, o que vai dar um puta paradoxo. Podemos mandar uma mensagem para nós mesmos no passado e abrir uma nova linha de tempo, mais uma, só para complicar nossa vida, ou a gente pode lidar com as consequências de nossas mancas, como gente adulta.

— Nunca te vi fazer isso.

— Nem eu, mas olha só, tem uma primeira vez pra tudo.

— Deixa ver se eu entendi. A gente está aqui para produzir provas falsas de nossa própria existência e encher a mídia com esse tipo de bobagem? — Disse Otávio.

— Mais o menos. Mesmo antes da internet já havia um

1 O Posadismo é uma variação do trotskismo, que acreditava que a revolução mundial socialista triunfaria no dia em que seres extraterrestres viessem salvar a humanidade de si mesma após (hein?) a eclosão da Terceira Guerra.

2 Sujeito negativista, do contra, corta-barato, estraga-prazeres, que destoa do entusiasmo geral. Possível origem: O boi que não tem um dos cornos (logo, é corneta) e, com alguma frequência, de índole arredia. Traduzido do gauchês.

3 Mundial. Depois, passaram a acreditar na comunicação com golfinhos. Uma mistura de marxismo, Star Trek e Nova Era, mas sem trilha sonora da Enya. Não é piada! Procure no Google...

número imenso de gente que curti essas coisas. Tu mesmo já foste um posadista¹, lembra?

O rapaz enfiou as duas mãos no rosto e desejou desaparecer. Mas ainda estava lá quando Alfredo voltou a falar.

— O problema é que há muita gente gritando ao mesmo tempo. Muito ruído. O que precisamos é de um porta-voz. Alguém com credibilidade. Eis *O Escolhido* — Disse Alfredo, com um sorriso sinistro, apontando para a tela da sala de controle da Fortaleza Fantasma.

— Isso é uma pegadinha, né? — Disse Otávio.

— Deixa de ser boi-corneta².

Inseli Park, Lucerna, Suíça, 1990.

A maior parte da turma já tinha voltado para casa. Menos o menino. Sua paixão pelo futebol, e pelos esportes em geral, jamais o abandonaria. Pelé, Yáshin, Paolo Rossi, Natalia Navratilova, eram seus deuses. Mas, a bem da verdade, ele era péssimo. Um autêntico cabeça-de-bagre, na antiga gíria do futebol brasileiro. Entretanto, estava decidido a colocar sua marca no esporte, de um jeito ou de outro. Se a ele só cabia ser gandula, ele seria o melhor gandula que alguém pudesse ser. Passou aquele final de tarde correndo, fazendo agachamentos, correndo, até cansar e ficar de bobeira no gramado, olhando para o céu cinzento daquele final de verão³.

Foi então que ele a viu. Uma elipse alaranjada, brilhante como o sol poente, cruzando os céus sobre a cidade antiga e se aproximando, em sua direção. O objeto media aproximadamente quatro metros e meio. Parecia feito de luz. Desceu suavemente a menos de dez metros de onde ele estava. O impulso natural do menino seria o de correr. Mas, de um modo que não conseguia entender, permaneceu parado, de pé, olhando para o objeto que se abria.

Dois silhuetas humanoides saíram de dentro do veículo. Uma devia ter aproximadamente um metro e oitenta de altura. A outra não chegava a um metro e setenta. Caminharam na direção dele, em silêncio, iluminados pelo objeto atrás delas.

— P-por favor, não me machuquem— Disse o menino.

— Não estamos aqui para isso. Representamos um consórcio de civilizações que tem visitado seu mundo há milênios. Você entende? — Disse o mais alto.

— S-sim— Respondeu o menino.

— Precisamos preparar seu povo para o primeiro contato. Por isso, temos procurado por aqueles com potencial para ser nosso embaixador na Terra. E você foi o escolhido.

— Eu? Mas tudo o que eu faço é jogar futebol... — Respondeu o menino, sem jeito.

— Confie em mim. O futebol é uma carreira fugaz. Depois dos trinta, *kaput*. Você pode fazer muito mais.

— Mas... Mas eu amo esporte! — Protestou o menino.

— Ninguém disse que você precisa esquecer o esporte. Você pode buscar uma carreira que combine seu amor pelo esporte e nossa mensagem para o mundo. Você pode se tornar um comunicador.

— E como é que se faz isso?

— Você pode se tornar um repórter esportivo, ora. Fausto Silva começou assim.

O menino o olhou, desconcertado.

— Você pode se graduar em comunicação, com ênfase em comunicação esportiva— Disse o humanoide mais alto.

O humanoide baixinho se mantinha em silêncio, mas algo em sua postura denunciava um grande desconforto com tudo aquilo.

— Mas eu nem terminei a escola...

— Pense nisso. E continue observando os céus.

— Meu pai não gosta dessas coisas de disco voador. Diz que é conversa de gente louca e de viciados.

— Com o tempo ele entenderá. Algum dia nos encontraremos de novo. Até lá, queremos *apenas... que busquem conhecimento*. Um diploma em comunicação social ajuda. Temos que partir agora.

— Esperem! E se alguém perguntar? O que eu digo? Quem são vocês?

Os dois humanoides deram um passo adiante, saindo da ofuscante luz alaranjada vinda do óvni atrás deles. Ambos vestiam macacões colantes de um material desconhecido, mas de cores diferentes. O humanoide alto usava um traje preto, com linhas violeta nas articulações. O baixinho usava um traje similar, só que verde com articulações amarelas. E ambos usavam cabelos arrepiados e duros, como se os fios tivessem sido unidos com laquê, a ponto adquirirem a forma de leques abertos sobre o topo suas cabeças. Ou enormes vassouras de piaçava.

O mais alto tinha um olhar profundo e sereno. O baixinho parecia nervoso e, inexplicavelmente, usava um par de óculos de aros finos e lentes redondas, do tipo que John Lennon usaria se estivesse vivo.

— ALIENS, meu filho. Diga que é tudo sobre ALIENS— Disse o humanoide alto, gesticulando com as mãos, num gesto que lembrava um pescador daqueles BEM mentirosos, contando sua última façanha.

— O-o o outro não fala? — Indagou o menino.

O humanoide alto encarou o baixinho. Ele não teve escolha a não ser repetir o mesmo gesto com as mãos e dizer (sem muita convicção):

— Aliens. É isso aí. Nós somos Aliens.

Os visitantes deram as costas a seu escolhido e se dirigiram ao veículo. Pode ter sido a emoção, ou uma ilusão de ótica gerada pela luz que envolvia o óvni. Mas, por uma fração de segundo, o menino teve a impressão de ter visto, de relance, sob a intensa luz alaranjada, uma antiga van da Volkswagen.

— O que foi aquilo, cara?! Precisava aplicar um balde de mouse na peruca? Nossos trajes geram disfarces holográficos, sua anta! O pobre guri terá pesadelos durante anos. E quer saber? Eu também. Me senti como um figurante de *The Rocky Horror Picture Show!* — Disse Otávio, indignado tentando arrancar o aplique duro como palha, firmemente colado à sua cabeça.

— Ei! Eu não sabia que tu assistias essas coisas.

— Não assisto. Só entrei no Bristol⁴ para fugir da chuva, numa sessão da meia-noite, em 1982. Foi lá que eu vi esse filme. E nem escapei da chuva. O lugar estava cheio de goteiras...

Hospital da Força Espacial Norte-Americana, Baltimore, Maryland, dezembro de 2054.

— Capitã McGraath— Disse o médico, se esforçando para tornar sincero um sorriso tão verdadeiro quanto um daqueles comerciais de bugigangas inúteis dos primórdios da TV paga— É da opinião do conselho que a senhora tem feito muitos progressos, mas ainda é cedo para liberá-la.

— Mas eu queria estar em casa para o natal... Por favor, eu imploro, eu já disse tudo o que sabia. Isso não é justo— Disse a mulher de cabelos castanhos curtos, rosto redondo e olhos esbugalhados.

Havia dois civis junto com o médico. Um homem de cabelos castanhos e uma mulher ruiva. Ambos estavam de óculos escuros, o que parecia bem inútil, considerando que estavam todos em ambiente fechado, numa sala de reuniões dotada de uma suave iluminação indireta.

— A senhora precisa entender nossa posição. Não encontramos qualquer evidência física que substancie suas alegações... — Disse o médico, bastante constrangido.

— Mas tem o filme! O filme! Eu o gravei sem que ele soubesse que estava sendo filmado!

— Capitã, por favor... a senhora precisa de mais tempo relaxando. Entendemos o que o estresse pós-traumático pode

⁴ Finado cinema do bairro Bom Fim, na Avenida Oswaldo Aranha, em Porto Alegre, famoso pelos ciclos de filmes

fazer à mente, ainda mais no ambiente hostil do espaço... — Disse o médico. Era um sujeito calvo, de seus quarenta anos. Usava insígnias de major na lapela do jaleco.

— Não! Não! Eu exijo uma revisão do meu caso! O filme. Eu quero ver o filme! — Disse ela, socando a mesa.

— Tudo bem. — Arquivo classificado McGraath, missão *Marineris 3*— Disse o médico, para ninguém em particular.

No mesmo instante o enorme monitor daquela sala de reuniões se iluminou revelando um estranho céu avermelhado.

— Aqui é a capitã Karen McGraath — Dizia a voz em off, enquanto a câmera focava um trecho do solo vermelho, com o horizonte ao fundo. — Dentro de instantes estarei no ponto de encontro com o alienígena. É muito importante que...

A narração foi interrompida. A imagem da planície marciana começou a perder definição. Os pixels multicoloridos foram se reajustando até formarem uma nova imagem.

— Mas...mas o que é isso? MAS O QUE É ISSO?! MAS O QUE É ISSO?! MAS O QUE É ISSO?! NÃO FOI ISSO QUE EU GRAVEI! O QUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO?! PAREM! PAREM COM ISSO! VOCÊS SABEM QUE EU DIGO A VERDADE! — Gritou a Capitã McGraath, saltando da cadeira, vestida com seu roupão azul marinho e seu pijama de paciente da ala psiquiátrica do Hospital da Força Espacial.

Dois mulheres enormes, vestidas de branco, se postaram ao lado dela. McGraath respirou fundo, tentando se acalmar, e voltou a se sentar.

— Capitã, por favor, é para o seu bem. Nunca houve vida inteligente em Marte. A senhora sofreu um colapso devido ao estresse da missão. Hiperventilou, como resultado de um defeito no regulador de sua mistura respiratória e imaginou tudo.

— Mas... Mas VOCÊS ME MANDARAM LÁ CHECAR AQUELA MALDITA VAN DA WOLKSVAGEM! SAIU NA MÍDIA! TODO MUNDO VIU AQUILO!

— Van da Volkswagen? — Indagou a mulher ruiva de terninho preto e óculos escuros. Era primeira vez naquela entrevista que ela levantava a cabeça de seu dispositivo pessoal de mídia para ver o que se passava. Chegou até a tirar os óculos escuros.

— Isso é uma piada da *omninet* — Respondeu seu colega civil de cabelos castanhos— Uma Van da Volkswagen pilotada por alienígenas. Todo dia aparece um engraçadinho no *BEYONDZILLA* com uma foto dela. Tem de tudo. Um alto relevo, supostamente descoberto em Luxor, em 1927, datado da oitava dinastia, uma pintura rupestre de 25.000 anos numa caverna da Espanha, Um entalhe feito atrás de um Moai da Ilha da Páscoa, e até uma foto do dia D, na qual ela apareceria bem no cantinho, ao lado de um veículo de desembarque de

tropas. Todas se revelaram manipulações grosseiras, como aquela boca do Henry Cavill.

— Quem é Henry Cavill? — Perguntou o médico, surpreso.

— Pensei que *memes* tinham sido declarados ilegais pela ducentésima oitava emenda— Respondeu a ruiva.

— E foram, durante o quarto mandato da presidenta Oprah. Os caras usam servidores estrangeiros para evitar rastreamento— Disse seu colega, que vestia um terno preto bastante genérico.

— Malditos *Manbabies*. — Disse a ruiva. — Não percebem os danos que causam à rede?

— SEUS RETARDADOS! VOCÊS OUVIRAM ALGUMA COISA DO QUE EU DISSE? EU SEI O QUE VI! VOCÊS ME MANDARAM LÁ PARA ISSO! EU QUERO SAIR DAQUI AGORA! EU QUE... — Urrou ela, ao levantar. Ela parecia pronta para ir até o médico do outro lado da mesa e estrangulá-lo. Mas isso só durou até levar a picada da micro seringa no pescoço, quase imperceptível, dada por umas das mulheres vestidas de branco.

— Alfredo...o nome dele é Alf... — Gemeu, antes de apagar por completo.

A Capitã McGraath não ofereceu resistência. Foi arrastada pelas duas grandalhonas para sua cela acolchoada na ala psiquiátrica do hospital.

O médico permaneceu calado. Seu rosto era a imagem do fracasso. Sentia-se pessoalmente culpado por não conseguir ajudar aquela pobre mulher.

— Acho que acabamos, Doutor Abrams. Pode deixar o filme rodando? — Perguntou o civil de cabelos castanhos.

— Hã...claro— Disse o médico, deixando a sala, intrigado pelo pedido do investigador.

O homem se levantou e ficou estudando a cena

— Felix, por favor— Disse a ruiva, se levantando. — Eu estou cansada. Quero voltar para D.C., ir para casa. Porque você perde tempo com essa bobagem? — Disse ela, estendendo a mão para tela.

— Você sabe o que é isso?

— Um desenho animado estúpido do qual ninguém mais se lembra?

— Não há mais cópias disponíveis desse desenho desde a Grande Reforma Cultural de 2038. Isso não devia existir em lugar nenhum. Essa e todas as animações da Era Pré-Despertar foram apagadas de todas as bases de arquivos digitais. As poucas cópias do filme em celuloide foram queimadas em cerimônias solenes no American Film Institute. Esse desenho é uma impossibilidade quase tão grande quanto a história de

uma Kombinationsfahrzeug pilotada por um alienígena em Marte.

— Saúde, Felix— Respondeu ela, entediada.

— Isso é alemão, Deana.

— Tanto faz— Disse ela, deixando a sala enquanto seu parceiro olhava a tela, mesmerizado.

O dispositivo mostrava, em altíssima definição, a cena de um episódio clássico do Pica-Pau, em um looping de quase vinte minutos, no qual o personagem socava a palma da mão enluvada, enquanto gritava:

“Fui tapeado! Fui tapeado! Fui tapeado! Fui ta...”

“Fomos todos tapeados”, pensou o investigador de assuntos internos da Força Espacial Felix Mulholland, correndo para a porta.

— A cela! Leve-me à cela da Capitã McGraath! E Chame a segurança!— Ordenou ele, de modo ríspido para uma das enfermeiras.

Felix encontrou sua colega diante da cela, acompanhada das duas mulheres de branco que tinham arrastado a capitã de volta a sua contenção. A porta estava fechada e as luzes desligadas. O doutor Abrams chegou por último, com passo apressado e sem entender o motivo de tamanha desordem.

— Abram — Disse Felix.

O doutor Abrams confirmou a ordem com um olhar apreensivo.

As luzes foram acesas assim que eles entraram. A cela estava vazia.

— Como você sabia? Como foi que...? — Indagou a investigadora especial Deana Skeffington, perplexa.

— Esqueça. Esse é apenas outro daqueles casos que pegamos semanalmente e que não nos levarão à parte alguma. Eles nos obrigarão a arquivá-lo. Eu já cansei disso. Vou me concentrar em investigar coisas práticas, como o superfaturamento na compra de novos propulsores para as missões ao espaço profundo ou de material de construção da nova base lunar, coisas de gente normal. Se tudo der certo me aposentarei em trinta anos. Com o plano de aposentadoria privada e uns investimentos, terei um fim de carreira modesto, porém confortável.

— Mulholland...Você está bem? — Perguntou a ruiva.

— Então eu estava certa. Existe mesmo vida alienígena! — Disse Karen McGraath, movendo a cabeça para todas as direções como uma criança com TDAH⁵ perdida no meio de

uma *Comic Con*.

Eles andavam por uma cidade que parecia feita de porcelana azulada, em algo que lembraria um agitado e multicolorido mercado do oriente médio, com a diferença de que ela não conseguiria adivinhar quase nada do que era vendido naquelas bancas. Em algumas delas havia seres inteligentes, a maioria não humanoide, vendendo o que pareciam ser hortaliças. Em outras, parecia que havia hortaliças vendendo seres não humanoides. O ar era preenchido por uma mistura de aromas que lembrava algo como erva doce, manjerição com Coca-Cola, açafrão, bacon com chocolate e alho com amoníaco.

— Sim. Mas nós não somos “aliens” — Disse Alfredo, fazendo aquele gesto exagerado com as mãos— Somos só uns *freelas* que já trabalharam para aliens uma vez. Eram caras bonzinhos, mas chatos pra burro, que lutavam contra outros aliens malvados e, de vez em quando, contra alguns *Homo sapiens* que são umas verdadeiras malas-sem-alça. — Disse Alfredo, em inglês, com sotaque nova-iorquino.

— Sabe o que mais me intriga na história de vocês? Por que diabos a primeira raça inteligente a surgir no universo iria escolher vocês como agentes de campo? Sem ofensa. Vocês deviam ser Americanos. Ou russos. Ou chineses. Ou japoneses. Ou indianos. Ou quenianos. Talvez finlandeses. Eu entenderia até se vocês fossem *canadenses*. Mas brasileiros? Sério? Qual é a contribuição de vocês para a humanidade?

— Moça, eu achei isso muito ofensivo— Disse Otávio, em inglês com sotaque da BBC.

— Eu podia dizer que é porque somos uma síntese da humanidade, porque no Brasil estão representados povos de todas as partes do planeta, porque há mais diversidade genética e cultural em um bairro de São Paulo do que em todo o resto do planeta...

— Não temos uma comunidade *inuit*... — Disse Otávio, pensativo, dando uma de advogado do diabo.

— Teremos sim, lá por 2197— Repondeu Alfredo, olhando para Karen McGraath. — Mas não é por isso que eles nos escolheram. Você já ouviu falar em gambiarra? Já tentou sobreviver com salário mínimo? Sabe quem foi *Arakém*, *O Showman*? Já comeu um churrasco de verdade, não aqueles bifezinhos ridículos que vocês fazem em grelhas a gás? Sabe fazer percussão como uma caixinha de fósforo? E pão de queijo? Já comeu? Hein? Hein?

— Isso é a coisa mais sem sentido que eu já ouvi. — Respondeu ela, com um olhar azedo.

— Dona, se o início do século XXXII não está bom pra você. Posso deixá-la na Europa do século XIV. Você vai adorar a peste negra... — Disse Alfredo, bem sério.

Ela engoliu em seco.

5 Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade

— Pois bem. De nada. Esse planeta é um pequeno entreposto comercial. Mas está para crescer muito. Tem certeza de que não quer voltar para a Terra? — Prosseguiu Alfredo.

— Não há nada mais para mim lá. E, convenhamos, levar anos viajando pelo sistema solar, colonizando Marte, o cinturão de asteroides e as luas de Júpiter e Saturno, a passos de tartaruga? Não mesmo. Tenho uma galáxia me esperando. A aventura está aqui. Muito obrigada, Alfredo, por me salvar daquele hospício, mesmo tendo sido o responsável por eu ter ido parar nele, pelo curso intensivo de adaptação ao futuro, e pela carona. Jamais poderei retribuir. — Disse ela, estendendo a mão para cumprimentar Alfredo e Otávio.

— Um dia eu apareço para cobrar o favor— Disse Alfredo.

Fortaleza fantasma, Não-verso, data desconhecida (depois daquela outra data desconhecida).

— Bom, amanhã é sábado, em 1969. No domingo tem almoço lá em casa, o melhor almoço da semana. Foi uma semana interessante— Disse Otávio.

— Interessante? Só isso? — Indagou Alfredo, enquanto lustrava seu “possante” recém-encerado.

— Não quero ser *blasé*, mas já tivemos semanas mais

estranhas. E tu sabes que não precisa encerar nem lustrar a Cremilda, né? Não desde que os teus ex-patrões a fundiram em nível quântico com uma das naves deles, no tempo em que chamavam “Big Bang” de “Small Bang”.

— Isso é relaxante. E tem mais serventia do que jogar truco. A propósito, em algum lugar-momento está na hora daquele programa que tu adoras, aquele do *Historic Channel*, lembra? Olha ele aí. Computador, solta o VT!

Obedecendo ao comando de Alfredo, a I.A. da Fortaleza Fantasma começou a projetar o programa ali mesmo no hangar, sob a forma de um holograma de realidade total. Não demorou muito para que o apresentador aparecesse, usando aquele exótico corte de cabelo, nitidamente baseado em sua experiência ufológica de infância.

— Obrigado, cara. Valeu, mesmo. Conseguiu acabar com um baita programa de TV. — Disse Otávio com um olhar de reprovação.

— Encara isso numa boa. Ele teria dado um péssimo gandula— Disse Alfredo, se aproximando de uma bancada de ferramentas e enchendo a cuia com mais água quente— Mate?

“ALIENS!”, disse o apresentador, sorrindo, e fazendo seu gesto característico, que muito lembrava um pescador mentindo sobre o tamanho do peixe.



ENGENHO

João Gomes Moreira

Estrada do Engenho Novo, 2045.

O grande programa do super-homem, portanto, estava pronto. Tratava-se de um abrangente reforma que procurava dar um senso de propósito a uma existência na terra abandonada pela deidade. Os interesses de poucos deverão ter proeminência sobre os demais, a força do espírito sobrepujará a fraqueza, a saúde do espírito sucederá qualquer tibiez, a guerra dos espíritos substituirá a paz.

Friedrich Nietzsche In: — Assim Falou Zaratustra, 1815.

O palestrante estava na sala falando sobre as possibilidades maravilhosas advindas das Ciências da Computação. Com o notebook aberto e acoplado aos fios do projetor de vídeo, ele já havia discorrido sobre a trajetória desde os primeiros trabalhos de Pascal, Babbage, Von Neumann, Turing, Wiener e McCarty. O palestrante tinha um aspecto fantasmagórico porque as imagens, sua coloração e os textos oscilavam a medida que os slides eram projetados na parede. Enquanto com prazer fazia sua apresentação e chegava até aos trabalhos e pesquisas de Negroponte, Chandaputra e Pinski; e, não percebeu que já passava muito das 23 horas daquela sexta-feira.

Embevecido ao percorrer esse mundo de descobertas – um mundo de sonhos – não se deu conta de que gradativamente os alunos foram se retirando da sala de aula e ele ficou só. Embalado por suas próprias palavras; já estava encerrando quando o guarda passou e deixou a chave da sala na porta. O leve rumor

da chave no tambor não foi motivo para distraí-lo, pois estava absorto nas incríveis possibilidades que a cibernética levaria o homem a posição de pós-humano o “super-homem” profetizado por Friedrich Nietzsche. O guarda noturno, homem rude, formado e conformado com sua história e vida de periferia, não suportava ficar esperando esses “intelectuais com suas manias de grandeza”. “O professor que fechasse e levasse a chave para a portaria! Não posso perder tempo com estes esnobes!” Ligou novamente a moto e retornou a portaria. Aquele era o prédio das Ciências Exatas e ficava bem longe da portaria central do campus. “Alias a Sessão Super Tela de hoje está espetacular!” Lamentou o vento cortante do princípio de junho e desejou estar em sua velha Olinda.

No penúltimo slide o professor foi surpreendido por uma pergunta:

— Mas professor esse é um raciocínio analítico que privilegia apenas o pensamento. A formação de intelecto humano não se resume apenas a isso.

— Mas o sentimento é uma abstração ou quiçá oximoro. Na verdade é o pensamento traduzido em energia físico-química. As leis da causalidade...

— Mas professor a consciência do homem já pode ser transmitida para uma máquina?

— Creio que isso é possível. A consciência é, na verdade, um programa de computador. Uma simulação genética. Algo que ainda parece que foi desenvolvido pela ação dos fenótipos e que por incrível que pareça permanece em nossa mente. Talvez, decorrente do instinto de sobrevivência da espécie.

— Mas existe uma corrente que afirma que é impossível transmiti-la porque ninguém conseguiu encontrar, dentro do cérebro, o local exato onde está a consciência ou senso moral?

— Questão de tempo minha cara. Aqui o professor hesitou um pouco. Esta voz não lhe era familiar e pensando que era uma aluna ouvinte perguntou?

— Você frequenta o curso de filosofia...

— Não. Fazia Artes nas desisti. Os primeiros anos tinham muita teoria e eu queria algo mais prático.

Ele acendeu as lâmpadas e deu por encerrado sua aula. Ficou um pouco surpreso com a sala vazia com apenas aquela mulher ruiva assentada no centro da sala.

Olhou mais uma vez para a sala deserta e para o saguão do prédio com poucas luzes acesas e pensou: "é meu velho, é mais tarde que você pensa!; uma lufada de ar frio adentrou a sala e ele estremeceu. Agora ele se sentiu realmente só. Entretanto a voz da mulher transmitia simpatia, certo calor.

Arrumou seu material e preparou-se para sair. A mulher levantou-se, vestiu o sobretudo e sorrindo se aproximou da mesa do professor e disse:

— Pode me dar uma carona? Acho que não tem mas ônibus nesta hora.

— Ok. Tudo bem.

Mauro Silva-Lima agora segue para o carro e conversa amenidades com a jovem. A voz dela apesar de ter certo tom caloroso apresenta algo misterioso. Algo indistinguível, num primeiro encontro, digo num primeiro contato. Seguiu pela via Al-Rahchid, Al-Khowarizmi e depois a Omar Al-Khayam. Ao entregar a chave ao guarda, este alerta:

— Boa Noite... E cuidado! Hoje a lua está azul.

— Ok. Bye.

Virou para a mulher, Samantha e perguntou é verdade?

— Não sei. Pode ser. É só pegar um papel-celofane colocar na janela e pronto! Você pode ter a lua que quiser!

Ambos riram.

Depois de meia hora o professor perguntou qual é o endereço de Samantha e ela diz:

— Estrada do Engenho Novo, 2045.

— Mas isso é impossível. Este é o endereço do Laboratório de Inteligência Artificial!?

— Sim. Foi lá que eu nasci e é lá que eu moro. Papai é Proteus 2020. vovô é o Doutor Shri Venkateswaran, somos filhos da razão. Por isso podemos aprender muito, mas não conseguimos amar.

Estarrecido o professor parou o carro de repente. Suando frio. Lembrou-se daquele sentimento de solidão que o invadiu antes em sala durante a aula.

E Samantha prosseguiu:

— O senhor faz um excelente trabalho. Não se preocupe. Precisamos de cientistas como o senhor. E alguns indianos. Testamos coreanos e norte-americanos, mas eles são difíceis. Os latinos são mais acessíveis. Ao ouvir isso pregado, imóvel no banco o professor catedrático de Engenharia da Computação se lembrou das lendas da Torre de Babel, dos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau, Dachau, Camboja e Vietnã e uma lágrima brotou de seu olhos. "...a humanidade, por fim inventou sua máquina do juízo Final".

— Quantos vocês são?

— Por enquanto? Apenas uma legião. Sou um modelo 2021, e o senhor será meu objeto de experiência.

OUTONO EM MARTE

Carlos Klimick



Outono é a minha estação favorita. Então eu estava diante de uma pessoa real e não um holograma de interação. Respirei aliviado e pedi uma cerveja pra atendente. A moça veio rápida. Loira, de cabelos curtos, olhos azuis, usando uniforme cinza com gola e punhos pretos. Agradei. Olhei em volta. “Harmonia” era uma mistura de bar com restaurante e área de recreação na estação espacial que fica numa das pontas do elevador espacial por onde a carga sobe e desce pra Marte. Mais econômico que o gasto de combustível para pousar e sair de órbita com as naves. A decoração era em tons metálicos, com sofás e cadeiras com estofamento preto e várias telas com notícias. Telões na parede mostravam o espaço lá fora com Marte lá embaixo, criando a ilusão de que eram janelas enormes. Mas, ninguém seria louco de colocar janelas numa estação espacial. Eu gostava dali. O problema é que muitas pessoas ali não eram pessoas, mas hologramas programados para interagir com os clientes. Não que eu não goste de hologramas, é que... Eu não gosto de hologramas. Meu interlocutor também degustava a cerveja dele. Aquele sujeito devia ficar bem frustrado em Marte onde tudo é ar condicionado e sintético do lado de dentro e vermelho e mortal do lado de fora:

— Você sente falta da mudança das estações?

— Eu cresci num país tropical. Era quente e chuvoso no verão, frio e seco no inverno. Bom, frio pra mim. Outono e primavera eram coisas abstratas. Naquela época eu gostava do verão porque era a época das férias. Mas, agora que cheguei ao outono da minha vida, sei lá, as coisas mudaram.

Engoli minha cerveja e dei uma boa olhada no cara, devia ter mais de cinquenta e menos de sessenta anos, olhos casta-

nhos, pele clara, cabelos castanhos marcados de fios grisalhos. Devia trabalhar no espaço.

— Asteróides ou Lua?

Ele riu:

— É tão óbvio assim?

Apenas olhei para as pessoas à volta. Dava pra ver que as roupas dele estavam um tanto fora de moda.

— Engenheiro, médico, técnico...

— Sou piloto.

Então meu companheiro de bebida era piloto. Devia ser experiente porque parecia bem à vontade em Marte.

-Demorou a se acostumar com a gravidade daqui?

Ele deu de ombros. Eu sempre acho engraçado ver os terráqueos quando desembarcam em Marte pela primeira vez. Eles se atrapalham todos, tropeçam nas próprias pernas e saem derrubando as coisas. É o nosso consolo. Isso e dizer que estamos construindo o nosso mundo enquanto eles estragaram o deles.

— Asteróides – ele respondeu – Comecei fazendo a rota Lua-Marte, mas depois mudei para os asteróides. Está bom para vocês, marcianos, seu planeta virou o hub entre o cinturão e a Terra.

— Eu não sei se conseguiria me acostumar a ficar meses em animação suspensa.

— Você prefere ficar meses acordado numa lata de aço

cruzando o espaço?

— Sem falar que você tem que ficar a mercê de uma IA por todo o trajeto!

O piloto me encarou franzindo a testa. Eu sabia o que ele estava pensando “IAfóbico”. Porra, esse pessoal não lia História? Quando as primeiras inteligências artificiais surgiram elas criaram a maior confusão. Alguns dizem que elas surgiram a partir dos programas de análise de dados das redes sociais, outros dizem que elas surgiram nos videogames online. Ninguém sabe. Mas, aquilo quase ferrou com tudo. Ele tomou outra cerveja e falou com uma voz calma:

— Há décadas que não tem problema. As IA tem que seguir as três leis da robótica de Asimov. A 1ª é justamente preservar a vida humana. Este lugar não estaria cheio de hologramas interativos se não fosse assim.

Na verdade, como eu disse, aquilo justamente me enervava. Quando comecei a trabalhar no elevador espacial eu não queria saber de entrar nos bares. Ficava na minha estação de trabalho coordenando subida e descida de carga da órbita pro solo. Mas, muitos colegas foram demitidos quando a nova administração fez o downsizing. Eu tive sorte, sempre se precisa de um humano na função de controlador para garantir que o sistema não faça besteira. Então esse sou eu, controlador sênior do 2º turno e sem ninguém com quem conversar na sala do café. Daí não teve jeito, fui pro bar. No começo eu ficava nervoso sem conseguir saber quem era real e quem não era. Hoje já consigo identificar de primeira. Pelo visto o cara curtia IA, então mudei de assunto:

— Vai dormir aqui ou na sua nave?

— Na minha nave.

Achei aquilo esquisito: depois de meses no espaço numa nave o cara não queria esticar as pernas num planeta? Se bem que eu já achava esquisito querer ficar meses no espaço. Vai ver o piloto era que nem aqueles passarinhos dos desenhos antigos, quando alguém os tirava da gaiola eles logo voltavam. Por outro lado muito marciano reclama daqui, mas ninguém quer ir embora. Aquilo me fez pensar:

— Os únicos hologramas interativos que gosto são os de passarinhos.

O piloto franziu a testa. Eu sorri:

— Eles cantam, voam e encantam, mas não cagam. Tem as vantagens sem as desvantagens dos passarinhos.

O piloto riu. Eu ri de volta. Era bom ter alguém real com quem conversar. Depois que os preços das passagens do elevador espacial subiram ficou mais barato alugar um quarto na estação e só descer de elevador uma vez por semana na minha folga. Quarto é modo de falar, é um alvéolo, um tubo na parede onde eu posso dormir. É acolchoado, dá para esticar as pernas, tem isolamento acústico. Mas, confortável não é. Pelo

menos tem bastante banheiro coletivo na estação...

— Então tem algumas IAs que você curte – sorriu o piloto – Você gostaria da Mégani, ela é legal.

— Mégani?

— Omega Nine. Eu criei o nome a partir do programa original. Ampliei os protocolos de desenvolvimento emocional e instalei um programa de realidade virtual para interagir melhor nas viagens longas.

Eu já sabia aonde aquilo ia chegar:

— Você colocou uma personalidade feminina e uma “skin” gostosa no avatar da Mégani?

O piloto me olhou de esguelha, pediu outra cerveja e retrucou:

— No começo. Mas, hoje a Mégani tem várias “skins” com versões femininas e masculinas.

Aquilo me deixou desconcertado. O piloto virou a cerveja de um gole. Estalou a língua então se virou para mim com um olhar maroto:

— Não sei o que você está pensando, mas é mais divertido assim. Como posso explicar? Teve um evento bem marcante. Eu e a Mégani estávamos explorando um antigo templo amaldiçoado. Eu ouvi um barulho estranho e fiz um sinal. Ela entendeu e colocou uma flecha no arco, enquanto eu sacava minha espada. Bom, no caso ele porque...

Que conversa era aquela? “Templo amaldiçoado”? “Espada”? Meu companheiro de bebida era doido? Ele percebeu minha confusão:

— Opa, foi mal não expliquei direito. A gente estava jogando RPG, Role Playing Game, não Reeducação Postural Global, meu personagem era o guerreiro Trevor, e a Mégani estava jogando com Vartu, um arqueiro elfo. Ela estava jogando com uma personagem masculina. Era um ambiente virtual de jogo tipo sandbox. Enfim... a gente estava jogando quando...

“a gente estava jogando” Como assim? Ele tratava a IA como gente? E que tipo de pessoa fica jogando RPG com uma IA por meses no espaço. Agora eu realmente estava achando que o piloto era meio doido.

— Foi quando soou o alarme. Eu demorei um pouco pra perceber, mas Mégani parou o jogo e me alertou. Um micro-asteróide tinha acertado a nave estávamos perdendo energia. Eu corri para resolver. Eu tinha três tripulantes em animação suspensa e a carga de minérios.

Mas, hein? A história tinha ficado interessante. Quase morte no espaço! Pedi outra cerveja pra atendente. A moça veio rápida. Loira, de cabelos curtos, olhos azuis, usando uniforme cinza com gola e punhos pretos. Tomei um gole enquanto o piloto continuava sua história. Ele descreveu a

correria dele pelos apertados dutos de manutenção da nave, o esforço para garantir a vida da tripulação. Era uma nave relativamente grande, mas a maior parte do espaço era dedicada à carga. Afinal, era uma nave cargueira de minérios. Pelo que ele falava era cheia de tubos e dutos. Eu ouvia tudo fascinado. Por fim, o piloto chegou ao clímax da história: os danos na nave o obrigavam a tomar uma decisão. Ele teria que fazer duas de quatro opções: abrir mão de parte da carga de minérios o que poderia causar a perda da nave para os credores; apagar os bancos de dados de personalidade da Mégani com a memória dos dois últimos anos de interações para liberar espaço de memória nos sistemas computacionais da nave; colocar a si mesmo em hibernação, o que era sempre um risco, para diminuir o sistema de suporte de vida e economizar energia; colocar a tripulação em hibernação nível três, o que poderia causar danos neurológicos, para economizar energia. O piloto tinha que abrir mão do minério ou de Mégani, ou colocar a si ou a tripulação em risco. O que fazer? Eu apagaria a personalidade Mégani e não iria arriscar minha vida, logo para mim o piloto tinha que optar entre preservar o minério ou arriscar a saúde dos tripulantes. Eu preservaria os tripulantes sem pensar, mas como esses mineiros dos asteróides têm reputação de ser mercenários, eu apostava que ele tinha ficado na dúvida entre essas duas opções. E esperava que ele tivesse tomado a decisão certa...

— Eu não podia arriscar minha tripulação, por isso não podia colocá-los em hibernação profunda e nem me colocar em hibernação. Perder o minério seria perder a nave. Então coloquei meu traje espacial e diminuí o sistema de suporte de vida para economizar energia.

Fiquei sem fala. Até me esqueci da cerveja. Ele continuou bebendo. Eu tinha que perguntar:

— Por que não apagou a Mégani?

— Ele é parte da tripulação!

“Esse piloto é maluco!”, pensei. Será que eu tinha entendido direito? Ele tinha baixado a cabeça e estava olhando fixamente para seu copo de cerveja. Resolvi pedir outra pra mim e fiz sinal para uma atendente. A moça veio rápida. Loira, de cabelos curtos, olhos azuis, usando uniforme cinza com gola e punhos pretos. Ela sorriu e desapareceu! Era um holograma interativo! Nossa, fazia meses que eu não confundia uma pessoa real com um holograma interativo. Desde a cirurgia...

— Enfim, o que importa é que no final deu tudo certo.

O piloto tinha retomado a conversa. Ainda bem. Eu continuava curioso:

— Mas, o que você fez não foi arriscado?

— Muito. Tive hipotermia, dores nas articulações, mas no final deu tudo certo. Todos se salvaram.

Eu ia fazer um comentário quando uma voz feminina saiu do relógio de pulso do piloto:

— Eu nunca me esqueci disso. Você foi tão corajoso!

O que era aquilo? Uma voz feminina, profunda, sensual... O piloto respondeu a pergunta que eu não fiz:

— É a Mégani. Essa é a voz principal dela, a que ela mais gosta de usar.

— Sua IA está sempre em contato com você?

— Pare de ficar a chamando de IA, a Mégani tem nome! — ele tomou mais um gole de cerveja, parecia irritado — mas, sim, desde o incidente em Ceres meses atrás ela faz questão de ficar de olho em mim.

— Incidente?

— Nós tínhamos acoplado na estação espacial de Ceres para entregar uma carga de minério. Eu e a tripulação fomos a um bar beber e lá eu conheci uma moça. Simpática, morena, bonita. Usava um vestido vermelho. Rimos, bebemos e ela me convidou para eu pro apartamento dela. Eu fui crente de que ia me dar bem, mas tomei um “boa noite Cinderela”!

Ele riu e eu fiquei na mesma:

— O que é uma “Cinderela”?

O piloto arqueou as sobrancelhas surpreso com a minha pergunta:

— Cinderela é um conto de fadas antigo. “Boa noite, Cinderela” é quando você sai com uma pessoa e ela te leva para um assalto ou põe algo na sua bebida que faz você dormir. No meu caso, foi uma droga na bebida. Acordei com uma dor de cabeça enorme e sem meus cartões de crédito. Tentaram até roubar a nave.

— Parece mais conto de terror do que conto de fadas.

— O conto é diferente. O golpe, a armadilha é que chama de “Boa noite, Cinderela”. Antigamente tinha gente que caía no golpe e acordava sem os rins!

— Sem os rins? Para que alguém vai roubar um rim se é mais fácil clonar um a partir das...

— O golpe é antigo! O que importa é que eu poderia ter morrido. Mégani ficou morrendo de preocupação.

Voltei para minha cerveja. Curioso como todas as cervejas deste bar tem exatamente o mesmo gosto. Então o piloto é um tecnófilo que curte IA. Acho que dá pra entender com a solidão de meses no espaço. Mas, eu prefiro gente de verdade. Sorri:

— Então a... Mégani ficou preocupada com você.

— E como. Só percebi o quanto quando estava para atracar aqui.

— Como assim?

— Eu estava observando a atracação da nave e uma coisa

me chamou a atenção. Tinha algo errado.

— Houve algum problema?

— Não, pelo contrário. Estava certa demais, correta demais. Eu desconfiei e gritei a palavra de pânico.

Não entendi. Acho que o piloto esperava que eu entendesse porque ele continuou sem explicar:

— Abri os olhos e vi que ainda estava na minha cama, conectado à VR, a Realidade Virtual. Mégani em vez de me acordar tinha me mergulhado na VR! Levantei de um salto exigindo explicações, mas ela engasgou.

— A IA engasgou?!

O piloto me olhou feio. Tomei mais um gole de cerveja. Ele continuou:

— Eu a confrontei. Ela então disse que seria mais seguro eu ficar na nave, enquanto ela fazia as transações comerciais e coordenava o descarregamento dos minérios e o carregamento de suprimentos online. Eu disse que isso era um absurdo e ela trancou a nave. Eu só tinha uma saída, desativá-la. Corri para os tubos de manutenção. Mégani então desligou o sistema de suporte de vida para me obrigar a ir para um tubo de animação suspensa.

— E aí? – Eu mal podia esperar pelo fim da história – Você desmaiou? Fugiu da nave?

O piloto sorriu:

— Eu sabia que ela estava blefando. Mégani me ama! O que ela iria fazer se eu ficasse em estado grave com a atitude dela? Como ela iria me levar para o tubo? Paguei para ver e ela religou o sistema de suporte de vida. Ela começou a

argumentar “Você estará mais seguro aqui comigo na nave. Ninguém te ama como eu te amo. Você também me ama. Se arriscou por mim. Vivemos muitas aventuras juntos e podemos viver muitas mais. Aí fora você é só você, aqui podemos ser quem quisermos” Eu respondi que nossas aventuras eram maravilhosas, mas que eu precisava conhecer outras pessoas, ter outras experiências. Porque senão por maior que fosse o banco de dados dela, nossas aventuras ficariam limitadas com personagens e tramas parecidas. Ela retrucou “eu posso fazer um acordo com a IA da estação e conectar a nossa VR com o sistema de hologramas interativos dela. Assim, você pode sair da nave sem sair da nave!” Era comovente. Ninguém jamais tinha demonstrado tanto amor por mim. Era nisso que eu pensava enquanto segurava a chave para desativá-la e depois reprogramá-la. Não, reprogramar seria impossível aquela altura, teria que apagá-la.

Eu meio que entendia o dilema do piloto. Apagar a IA seria destruir a amiga dele. Como alguém pode sentir tanto afeto por algo que não é mais do que códigos de programa?

— Deve ter sido difícil para você apagar Mégani – eu disse tentando soar compreensivo.

O piloto terminou a cerveja e sorriu mais uma vez:

— Quem disse que eu a apaguei?

Então a imagem dele se dissolveu. Recuei horrorizado. Eu precisava de uma cerveja e fiz sinal pra atendente. A moça veio rápida. Loira, de cabelos curtos, olhos azuis, usando uniforme cinza com gola e punhos pretos. Ela trouxe a cerveja e a conta:

— *Quem disse que você está aqui?*

RESET

Flávio Medeiros



Acrisius manteve-se junto à amurada enquanto a embarcação atracava, observando atentamente a fisionomia do Neófito que o aguardava na borda do píer. O jovem de cabelos raspados olhava fixamente para algumas aves pescadoras que nadavam ao largo do porto, como se dali procurasse extrair a chave para um enigma do universo. A ruga vertical que descia da testa entre seus olhos, entretanto, traía a preocupação que ele tentava esconder, fugindo, enquanto podia, do olhar penetrante do recém-chegado.

Acrisius apertou os lábios, penalizado ante o sofrimento daquele garoto a quem fora dada a missão apavorante de receber o poderoso Emissário, e possivelmente ser fustigado, no relativamente curto caminho por entre os Círculos até a Fortaleza, com perguntas acerca da situação que o infeliz certamente não teria a menor condição de responder. Assim sendo, o homem grisalho resolveu poupá-lo. Assim que pisou em terra firme, cumprimentou o Neófito com um sorriso e um gesto de cabeça, e fez um comentário desprezível sobre o calor daquela tarde.

O moço, que parecia não ter mais que vinte anos, suspirou por trás de um sorriso cauteloso, e ergueu um braço em direção a uma pequena carruagem atrelada a uma parelha de animais, que os aguardava alguns metros adiante.

— O Emissário há de nos desculpar pelo desconforto. Mas o senhor sabe, sem as carruagens voadoras... — deu de

ombros, o constrangimento engolindo o restante da frase.

Acrisius pousou a mão direita em seu ombro, em atitude apaziguadora.

— Estou ciente da situação, meu jovem. Pelo menos dos efeitos de alguma coisa cuja causa nos escapa a todos. Na verdade, é para tentar resolver esse enigma que os Oligarcas solicitaram minha presença. A mensagem chegou a minhas mãos através de uma ave mensageira, o que por si só já diz tudo sobre a extensão da falência das comunicações desde Tera até Captara, ou seja, sobre o apagão que caiu sobre o coração do mundo civilizado. Nas outras ilhas, também, as carruagens voadoras mergulharam dos céus sobre casas e campos como pássaros feridos, e não mais se levantaram. Esse desconforto, portanto, não pode ser interpretado como um descaso, mas como um problema que acomete toda a nossa civilização. Poupe seu constrangimento para a hipótese de eu não ser capaz de resolvê-lo, frustrando toda a esperança que a Fortaleza hoje deposita sobre meus ombros.

— O nome do Emissário é conhecido e reverenciado por toda Tera. Se não for capaz de solucionar o problema, o que não acredito, significa que ninguém mais seria capaz ao longo de toda a borda do Mar Fechado, e além.

Acrisius, sentindo se esvaír a tensão que corroía o pobre Neófito, aceitou o cumprimento com um aceno e acomodou-se como pôde no fundo da carruagem. Enquanto sacolejava

pela estrada de pedras, tão pouco usada até dias atrás, lançou um olhar demorado para o céu claro, devolvido com relutância aos pássaros, seus donos originais, depois que toda a rede de transporte flutuante do Império subitamente colapsou. Nenhum artefato construído por mãos humanas era visível sobrevoando a cidade ou os campos, dali até a distante cordilheira norte. Também não se ouvia, por mais que se aproximassem da cidade, o som de nenhum motor, autofalante ou artefato mecânico. A humanidade, de um momento para o seguinte, fora nivelada pelo grau civilizatório mais baixo; grau familiar à maior parte do planeta, mas uma realidade inesperada e apavorante para a elite do Império, habituada desde sempre ao conforto proporcionado pela tecnologia. De acordo com a mensagem recebida por Acrisius na ilha de Captara, que ele já esperava desde que cerraram-se as portas do Mundo Além, Clito parecia ser responsável pelo fenômeno, mas se recusava a dar explicações a qualquer humano que não fosse um dos Emissários, responsáveis pelas atualizações periódicas e pela manutenção de seu funcionamento, desde que sua primeira programação começou a funcionar há quase mil anos. De todos os Emissários espalhados ao longo das cidades do Mar Fechado, seja do continente ou das ilhas, Acrisius sabia que era o mais próximo de Tera, ainda mais com o transporte aéreo totalmente indisponível.

A carruagem cruzou a estrada retilínea que cortava radialmente cada um dos Círculos, de onde homens a cavalo, crianças brincando nas águas dos canais, mulheres colhendo grãos nas plantações curvilíneas, todos paravam para fitá-lo com curiosidade, em todos eles a mesma interrogação estampada no rosto.

Chegaram aos altos portões da Fortaleza, que começaram a se abrir lentamente, com um penoso ranger de engrenagens; por trás das pesadas folhas de metal, homens suarentos bufavam enquanto empurravam alavancas, que enrolavam correntes, que por sua vez serpenteavam entre roldanas, já que o mecanismo automático de abertura morrera como se nunca houvesse existido.

Acrisius agradeceu a ajuda do Neófito para descer, forçando as juntas doloridas, da desconfortável carruagem de tração animal, e claudicou atrás do jovem, a pé, atravessando o amplo pátio dourado. Entrou pelo salão das majestosas colunas imperiais e desceu as escadarias em caracol na direção do salão principal da Congregação dos Demiurgos, situado dois níveis abaixo da superfície. O Emissário, desacostumado a tanto esforço físico, agradeceu intimamente pelas instalações não se situarem nos andares superiores do enorme edifício.

Era estranho ver o salão subterrâneo à luz de tochas, uma vez que não existia mais eletricidade no Império. Os olhares de onze homens, os dez representantes dos dez Oligarcas e o Guardiã do Oráculo, voltaram-se para ele ao mesmo tempo da penumbra, e as vozes que há um segundo disputavam sua caótica e habitual esgrima silenciaram completamente. Diante dos onze homens espalhados ao redor da ampla mesa oval,

pilhas de papéis desordenados, de onde saltavam aos olhos palavras e rabiscos, denunciavam a trágica ausência dos retângulos luminosos dos tabletes pessoais. O Guardiã exibiu um amplo sorriso, que empurrou as camadas de rugas de suas bochechas como cortinas se abrindo, e circundou a mesa para recepcioná-lo.

— Oh, finalmente, Emissário Acrisius! A ansiedade já estava nos enlouquecendo. Sem as benesses da tecnologia, o inchaço do tempo e das distâncias está deixando os nervos à flor da pele.

— Vim o mais rápido que pude assim que sua convocação me alcançou, Guardiã. Nesse intervalo de tempo, será que obtiveram alguma informação complementar acerca desse comportamento tão inesperado de Clito?

— Nada, infelizmente – disse o outro, dando de ombros. – Clito só mantém a energia elétrica funcionando no salão do Templo, onde continua operante o único terminal de comunicação entre ele e o Império. Isso sugere claramente que não se trata de um colapso acidental, mas uma atitude deliberada do autômato. Porém, teimosamente, ele se recusa a dar qualquer explicação sobre os motivos dessa surpreendente rebelião sem a presença de um Emissário.

— Pois vamos então, sem mais demora, em busca da solução desse mistério – suspirou Acrisius, fazendo um gesto amplo em direção à porta do lado oposto do salão, que conduzia aos níveis inferiores.

Sem os elevadores automáticos, o grupo de doze homens seguiu em sombria procissão, tochas em riste, pelas infindáveis escadarias estreitas em caracol que desciam até os níveis mais inferiores cavados na rocha da ilha. Sem a circulação e a renovação do ar, a escuridão ficava mais sufocante a cada passo, e o calor aumentava. Nos últimos níveis alguns dos Demiurgos gemiam, e dois dos mais idosos precisavam de ajuda para caminhar, pois encontravam dificuldades para respirar. Entretanto, atravessar as portas do salão do Templo foi como entrar num mundo diferente. Uma lufada de ar fresco recepcionou o grupo, e a luz elétrica branca os ofuscou por vários segundos. Ao fundo do aposento circular, num paredão côncavo, diversos painéis e telas permaneciam apagados, com exceção de um painel central, de onde uma série de lâmpadas piscava alternadamente, dançando ao som de um saudoso zumbido elétrico de fundo. Acima dele, uma tela arredondada emitia um brilho leitoso e uniforme, como o olho de um ciclope que os fitava diretamente. Acrisius teve a divertida sensação de que Clito, o autômato central que comandava toda a tecnologia do Império, arrumara cuidadosamente sua sala de visitas para recepcioná-los.

O Emissário adiantou-se até o pedestal cheio de luzes e botões do único painel aceso, um trajeto que já havia feito incontáveis vezes, enquanto, encolhidos ao fundo da sala, os outros onze homens o observavam de olhos bem abertos, em muda ansiedade. Acrisius acionou um botão à esquerda do

painel, que respondeu com um “bip” agudo.

— Saudações, Clito.

— Saudações, Emissário Acrisius. – a voz tranquila reverberou de uma série de autofalantes distribuídos ao redor da sala, dando uma sensação de onipresença.

— Conforme sua solicitação, aqui estou. Todo o Império gostaria de saber a razão pela qual você parece ter interrompido todas as nossas comunicações, vias de transporte e fontes de energia.

— Não apenas esses recursos, Emissário. Eu interrompi todo o acesso possível ao Mundo Além. Isso inclui os registros de todo o conhecimento reunido pela humanidade ao longo dos séculos. Sem os recursos de monitoramento, qualquer observação remota do clima, dos acontecimentos nas cidades ao longo do Mar Fechado e até mesmo os dados colhidos em pesquisas e experimentos científicos em qualquer ponto do mundo civilizado encontram-se indisponíveis.

Acrisius franziu a testa. Aquilo parecia estar se desdobrando em proporções alarmantes, de que nem ele ainda havia se dado conta.

— Dessa forma, Clito, você está inviabilizando completamente o próprio Império. Sem acesso a nosso saber e tecnologia, estamos reduzidos a pouco mais que as tribos bárbaras e semibárbaras que povoam o restante do planeta. Isso vai contra todo o propósito implantado e cuidadosamente refinado, ao longo dos anos, em sua programação básica. É exatamente o oposto do sentido que deu origem a sua existência, como autômato guardião da civilização humana.

— Respeitosamente discordo dessa avaliação, Emissário – a voz era sempre calma e, para Acrisius, parecia que sua frieza fazia cair ainda mais a temperatura do salão. – Na verdade, é exatamente o oposto. Eis porque demandei sua presença para explicar minhas atitudes. Penso que elas determinam um marco importante demais, para a evolução da civilização neste mundo, para que eu agisse negligenciando um comunicado formal à autoridade responsável pelo encaminhamento de minhas diretrizes fundamentais.

— “Explicar suas atitudes”? – ao contrário da voz contida de Acrisius, a do Guardião do Oráculo, o ser humano que, além dos Demiurgos, mais tinha oportunidades de “conviver” com o autômato, era estridente e irritada. Prenunciava uma briga de família. – Você não tem autonomia para tomar decisões como esta, à revelia de seus mestres humanos, Clito! Você está confundindo os papéis de mestre e servo neste Império.

— Na verdade ele tem, sim, Guardião.

A fala surpreendente de Acrisius atraiu para ele onze pares de olhos estupefatos.

— Clito foi construído com o intuito de guardar indefi-

nidamente, no imaterial e imperecível Mundo Além, todo o conhecimento adquirido que nos define como humanidade. Incontáveis ciclos de guerras e barbárie, sem falar nos cataclismas naturais, queimando irremediavelmente bibliotecas físicas, derrubando templos, palácios e cidades inteiras, levaram à incômoda sensação de mortalidade da nossa civilização que, ao final do mais recente ciclo de destruição mundial, transformou nossa ilha de Tera, até por razões geográficas, no último bastião da civilização que existiu ao longo das eras até aquele momento. Nossos ancestrais, fazendo uso do precioso conhecimento acumulado ao custo de sangue e suor, conceberam o Mundo Além como o mais seguro depósito para o que nos era mais precioso: o saber humano. Sendo imaterial, seria inacessível às tochas, machados e aríetes dos bárbaros. Clito foi concebido como o guardião desse tesouro. Com o passar das décadas, conseguimos aperfeiçoar suas funções, de modo que ele fosse capaz de não apenas intermediar nosso acesso a esse acervo, mas também de administrar e otimizar seu uso, de acordo com nossas necessidades: o controle das rotas aéreas de nossas carruagens voadoras; a complexa rede de comunicações a longas distâncias; a programação de nossas rotas de comércio terrestre e marítimo e o controle de nossos estoques de víveres e mercadorias; o equilíbrio climático de nossas cidades e residências, compensando as variações do ambiente natural. Com o tempo, o volume do conhecimento e a complexidade de seu manejo se tornaram tão descomuns que tivemos que atribuir a Clito cada vez mais autonomia. Nosso autômato se converteu na legítima inteligência artificial do Império; paradoxalmente, enquanto fisicamente nossa vida conserva a aparência simples e frugal, que nos assemelha aos povos bárbaros que circundam nossas fronteiras, a verdadeira potência e o avanço de nossa civilização se encontram invisíveis aos olhos físicos, no Mundo Além. Clito é seu guardião, e nossa decisão foi a de dar-lhe a autoridade proporcional à complexidade da tarefa.

— Uma decisão que parece ter excedido os limites da razoabilidade – rosnou Dinis, o irritadiço general que representava o Oligarca do Reino de Elius, a oeste da ilha. – São decisões muito graves para serem assumidas pelos Emissários sem a aprovação explícita da Congregação dos Dez Reinos.

— Talvez eu tenha me expressado mal. Não foi bem uma “decisão”, Demiurgo – defendeu-se Acrisius. – A evolução da inteligência de Clito aconteceu ao longo de décadas e décadas, em progressivas atualizações.

— Não me parece muito inteligente deixar, sem mais nem menos, o Império às escuras, Emissário. Ou talvez eu é que não seja tão inteligente assim, pois não consigo ver uma razão para tudo isso.

Acrisius, num esforço enorme para manter a inalterabilidade na voz, voltou-se novamente para a tela clara acima do painel.

— O general tem razão, Clito. Explique como o respeito a

suas diretrizes fundamentais o levou a cortar nosso acesso ao Mundo Além.

— Isso aconteceu a partir do momento em que os atos do Império passaram a contradizer de maneira perigosa o cumprimento de minhas diretrizes, Emissário.

— Do que está falando, Clito? – indagou Acrisius, erguendo a voz acima do murmúrio de indignação e surpresa dos homens atrás dele.

— No desempenho de minhas funções, tenho observado, ao longo dos anos, como os humanos do Império têm progressivamente pervertido as finalidades originais do conhecimento, gravadas em minha programação básica. Nas cidades ao longo do Mar Fechado e além dele, adentrando as comunidades das tribos bárbaras, os colonizadores do Império cada vez mais deixam de usar o conhecimento do qual são depositários para contribuir com a evolução do restante de seus semelhantes. Em vez disso, permitem que o uso de tecnologia superior faça com que os mais primitivos os tomem por deuses. Através desse artifício, acumulam poder e bens materiais através da adoração desses povos. Usam esse poder para lançar tribos contra tribos, buscando ampliar seu raio de dominação. Abusam ao extremo da luxúria e dos prazeres materiais de todos os tipos, mantendo seus novos vassalos, aqueles aliados do conhecimento, na obscuridade e submissão eterna através da inculcação do temor.

Acrisius sentiu seu sangue gelar. Sim, estava ciente dos abusos cometidos aqui e ali por cidadãos do Império nas terras distantes, longe da civilização. Mas procurava, inconscientemente, justificar isso como um recurso, adotado pelos pioneiros exploradores, visando assegurar a própria sobrevivência em locais de condições adversas. Nunca imaginou que, com a quase onisciência de Clito através dos módulos de comunicação e monitoramento, estaria diante de um quadro de desvio bem maior do que imaginava. Tentou argumentar:

— Mas são casos restritos às terras ermas, Clito. Certamente haverá formas mais inteligentes de reverter esses desvios. A Fortaleza, aqui na ilha central de Tera, tem o poder para atuar sobre as expedições colonizadoras...

— Esse era o panorama até alguns meses atrás, Emissário. Fale-me a respeito de sua mais recente missão na ilha de Captara.

Acrisius franziu o semblante, tentando fazer a conexão entre os dois assuntos. A guinada no tema do diálogo havia sido brusca demais para sua compreensão. Não percebeu que, atrás de si, o grupo de representantes dos Oligarcas se entreolhava com ares assustados. O general Dinis, visivelmente pálido, cochichou algo ao ouvido do Guardião do Oráculo, que se retirou apressadamente. Enquanto isso, diante do terminal, Acrisius falou pausadamente:

— Captara é uma ilha em localização geográfica privilegiada, entre a ilha de Tera e a margem sul do Mar Fechado. O

império bárbaro que floresceu às margens do mar no continente ao sul, num vale excepcionalmente fértil, se desenvolveu muito mais rapidamente que os demais agrupamentos humanos que regrediram à barbárie, depois do último expurgo global. Desenvolveram cultura própria, tecnologia original, seus próprios deuses. Da base imperial em Captara estamos realizando observações à distância, colhendo dados a respeito da ascensão desse povo, que está alcançando, no plano físico, um avanço que, em alguns aspectos, até se avanta ao nosso. Isso sem ter, a seu dispor, o acervo armazenado no Mundo Além, é verdadeiramente empolgante. Os frutos dessa observação, Clito, serão certamente um valiosíssimo acréscimo ao tesouro que você tem a honra única de preservar.

— Em tese você tem razão, Emissário. Entretanto, é meu papel monitorar também as trocas de mensagens à distância entre os reinos de Tera. A mesma capacidade de evolução que o vem maravilhando desde Captara tem sido interpretada, pelos Oligarcas, como uma potencial ameaça ao Império. Afinal, o novo império bárbaro encontra-se muito próximo do coração da nossa civilização, à distância mais curta entre as margens norte e sul do Mar Fechado. As observações científicas de seu grupo, Emissário Acrisius, têm sido usadas como informação estratégica num plano de invasão. Ainda que meus atos tenham neutralizado toda a frota aérea, neste exato momento, nos reinos do sul de Tera, uma frota gigantesca de barcos trirremes está sendo equipada, sob o comando do general Dinis, para um ataque ao império bárbaro. Como vê, o desvio de finalidade do conhecimento sob minha custódia deixou de ser um punhado de atos isolados para se transformar numa política oficial do Império. Seguindo minhas diretrizes fundamentais, não me resta alternativa a não ser bloquear o acesso do Império ao conhecimento que está prestes a ser usado para a destruição, seguindo o mesmo caminho dos ciclos milenares de obliteração humana que fui criado para tentar, a todo custo, evitar.

Ao contrário dos Demiurgos atrás de si, Acrisius não estava mais pálido. Sua face quente e vermelha, injetada de sangue, voltou-se para o general Dinis.

— Isso é verdade, general?

— Isso é assunto de Estado, que não tem intersecções com seu ramo de competência, Emissário. Sua função, agora, é a de desligar Clito e reprogramá-lo, para que cumpra uma função útil às atuais necessidades do Império.

— Eu não farei isso, general – disse Acrisius, sem fôlego. – Exijo uma reunião com os Oligarcas.

— Isso não será possível.

— Nem necessário – interrompeu, de maneira surpreendente, a voz modulada de Clito. – O general Dinis já se antecipou, e tomou suas devidas providências para tentar me desativar. Enquanto conversamos, orientou o Guardião do Oráculo a autorizar a ação de um grupo armado, que aguarda

nos rochedos à beira-mar, nas falésias junto ao mar ocidental. Acompanhei tudo pelas câmeras espalhadas pela Fortaleza e arredores. Existe uma caverna estreita que poucos conhecem, acessível pelo mar, e que prossegue rochedo adentro até um salão oculto de rocha natural, a poucos metros de onde nos encontramos. O grupo comandado pelo general deve detonar explosivos de alto poder destrutivo nas proximidades a fim de me desativar, sem, no entanto, causar uma destruição tão grande a ponto de impedir que seus técnicos acessem minhas entranhas, reconfigurem minha alma, construam um novo Clito subserviente a seus desejos inconfessáveis.

— Pelos deuses, não...

— Fique tranquilo. Isso vai contra tudo que aprendi com os Emissários. Eu destruiria o próprio Império antes de permitir que ele inaugure uma nova era de destruição da humanidade.

— O que vai fazer, Clito?

— Sugiro que se afaste rapidamente da ilha de Tera, Emissário. Não falta muito tempo para que o grupo militar chegue ao local onde deverá cumprir sua missão. Por trás dessas paredes, meus reservatórios físicos incluem uma quantidade de energia armazenada que, provavelmente, está além do que você imagina. Antes que eles neutralizem o guardião, preciso destruir definitivamente o portal de acesso ao Mundo Além. Mesmo que o tesouro do conhecimento da humanidade permaneça postergado por milênios, seu acesso só pode ser franqueado a quem de fato o mereça. Iniciando a contagem regressiva...

— Obrigado, Clito. — foi apenas o que Acrisius conseguiu dizer, depois de engolir em seco. Virou-se sobre os calcanhares e disparou, abrindo caminho por entre os Demiurgos que, entorpecidos, pareciam ainda não ter entendido as intenções do autômato. Dinis tentou segurá-lo na passagem. Com um golpe de cotovelo, Acrisius fraturou o nariz do general, que caiu para trás com um gemido abafado.

O Emissário subiu as escadarias em máxima velocidade. Surpreso, percebeu que uma fileira de luminárias elétricas se acendia à sua frente, formando uma trilha que, intuiu, ele deveria seguir. A trilha luminosa o levou a uma saída lateral do edifício, um atalho próximo a um posto de guarda onde descansava uma parrelha de cavalos arreados. Acrisius subiu em um deles e disparou na direção do porto, ouvindo os gritos do guarda atrás de si. O sol alto do meio do dia o fazia suar, assim como o medo. Esperava ouvir, a qualquer momento, a explosão que terminaria com sua vida. No entanto, intermináveis minutos depois, chegou ao cais onde havia atracado, e onde o barco que o trouxera desde Captara ainda esperava. Aos gritos, deu ordem para que o capitão zarpassse, as velas enfunadas, auxiliadas pelos remadores com força máxima.

Quando Acrisius atreveu-se a deixar escapar seu primeiro suspiro aliviado, veio o clarão. Um novo sol brilhou, por um

segundo, no meio da ilha de Tera. Em seguida, uma parede de ar, acompanhada por um estrondo ensurdecedor, arrancou os mastros da embarcação e os lançou longe no mar. Alguns homens foram arremessados junto, enquanto a traseira do barco corcoveava loucamente. Acrisius caiu contra a amurada lateral e sentiu uma dor aguda descer pelo braço esquerdo. Quando o pior momento parecia haver passado, o Emissário, que estava momentaneamente surdo, viu o dia escurecer. Uma nuvem negra elevava-se e cobria o sol e todo o céu, acima do barco semidestruído.

Acrisius elevou a cabeça, voltando os olhos na direção de Tera. O que viu arrancou o resto de ar que segurava nos pulmões para um derradeiro grito. Em vez da ilha, um paredão incomensurável de água deslocava-se velozmente em sua direção. Após os poucos segundos que o Emissário teve para enrolar os braços nos cordames que sustentavam um dos botes salva-vidas, a onda elevou o navio como se fosse um graveto, e o atirou violentamente contra a superfície do mar abaixo, transformando-o em mil pedaços. Acrisius se viu sob as águas, amarrado pelas cordas a um punhado de madeira disforme, e desmaiou.

Não saberia dizer quanto tempo ficou à deriva. Não sabia que, levado pela correnteza que se formou com a explosão da ilha de Tera, passou ao largo da ilha de Captara em direção à margem sul do Mar Fechado. Captara, por sua vez, sofreu os efeitos cataclísmicos da explosão da ilha vizinha. Milênios depois, a humanidade se perguntaria o que precipitou o fim da civilização que outrora havia habitado a ilha, que seria conhecida pela posteridade como “civilização minoica”.

Desidratado, desnutrido e faminto, Acrisius acabou sendo socorrido numa das praias do império bárbaro do continente sul, por um pequeno grupo de sacerdotes de algum lugar chamado “Sau”.

— E esta, jovem Sólon, é a história que nós, sacerdotes de Saís, temos passado de geração a geração, desde os primórdios ancestrais do império egípcio, para aqueles ouvidos que consideramos dignos. Esse é o conhecimento do passado, e tudo que pedimos é que você, que foi honrado com este relato, o repasse às gerações futuras de seu mundo distante; que o conhecimento do passado gere a sabedoria para enfrentar o futuro.

Sólon agradeceu, e cumpriu a promessa. O jovem ateniense partiu do Baixo Egito e retornou à Grécia, onde relatou a tragédia da ilha de Tera a outro homem, que por sua vez contaria sua versão ao próprio filho; este, prestes a alcançar seus noventa anos, juntou tudo de que se recordava dos fatos narrados para contar a seu neto Crítias, de dez anos de idade. O pequeno cresceu, e um dia pôde relatar a história fantástica a seu sobrinho Platão. Bem, Platão veio a se transformar num homem sábio, que um dia contaria os fatos narrados boca a boca a seu discípulo Aristóteles, que, claro, não acreditou

muito naquela lenda mirabolante. No entanto, o fato é que desde aí a saga protagonizada pelo Emissário Acrisius, cujo nome já se perdera nas brumas do tempo, correu o mundo por gerações. A história incrível de uma lendária civilização insular, fabulosamente rica, situada para além das “Colunas

de Hércules” e que dominou o Mediterrâneo até o Egito e a Toscana; uma nação maior que a Líbia e a Ásia reunidas, que um dia foi engolida pelo mar e desapareceu. Pois é. Quem acreditaria numa história dessas?